



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE CARVALHO

VENTO E CHUVA: TEATRO E LITERATURA NA EDUCAÇÃO  
ESTÉTICA DE BEBÊS

CURITIBA

2024

CAROLINE CARVALHO

VENTO E CHUVA: TEATRO E LITERATURA NA EDUCAÇÃO  
ESTÉTICA DE BEBÊS

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Carvalho, Caroline.

Vento e chuva : teatro e literatura na educação estética de bebês /  
Caroline Carvalho – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de  
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Educação de crianças. 3. Teatro na  
educação. 4. Arte na educação – Literatura infantojuvenil. 5. Estética –  
Educação. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-  
Graduação em Educação. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -  
40001016001P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **CAROLINE CARVALHO** intitulada: **Vento e Chuva: teatro e literatura na educação estética de bebês**, sob orientação do Prof. Dr. JEAN CARLOS GONÇALVES, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 10 de Dezembro de 2024.


Assinatura Eletrônica  
20/12/2024 15:46:49.0  
JEAN CARLOS GONÇALVES  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
21/12/2024 09:46:13.0  
KÁTIA MARIA KASPER  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
07/02/2025 13:22:48.0  
CAROLINE VETORI DE SOUZA  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
20/12/2024 18:15:50.0  
SÔNIA MACHADO DE AZEVEDO  
Avaliador Externo (ESCOLA SUPERIOR DE ARTES CÉLIA HELENA)





À minha mãe, Edite, em memória, que me deu a vida, esteve comigo em todos os momentos, comemorou comigo a entrada neste doutorado, e me ensinou a nunca me curvar, fez sua passagem durante este percurso, mas sei, segue aqui comigo, porque eu sou a sua continuidade aqui neste plano.

## AGRADECIMENTOS

Ao fechar os olhos, neste momento, o primeiro respiro dou junto de minha mãe, Edite, a ela começo agradecendo, pois foi precisamente ela que repetiu continuamente que eu sempre poderia continuar, desde que as minhas escolhas me levassem para o caminho de felicidade. Em seguida agradeço ao meu pai, Silvio, que junto da minha mãe me deu a vida, descobri tardiamente que precisava olhar para ele como pai, mas mesmo tardiamente pude compreender que não somos perfeitos, e é precisamente isso que nos torna capazes de amar incondicionalmente os filhos como continuidade do que deixamos neste mundo, ele foi o melhor pai que podia ser. Obrigada.

Agradeço meus filhos, passarinhos, Bernardo e Benjamin, sem eles eu possivelmente não estaria aqui nessa pesquisa, eles me motivam a continuar, e é exatamente por meio dos olhos deles que descobri olhar para um mundo onde liberdade é ser o que se quer ser nesse exato momento, aqui e agora. Os filhos são a revolução, eles foram a minha. Com vocês descobri que o voo é constante e necessário, e o ninho é o lugar de abrigo e afeto. Vê-los crescer é o meu maior privilégio nessa vida. Obrigada.

Magu, não poderia deixar de agradecer, a dedicação e o companheirismo da nossa relação me mostram que nos escolhemos porque sabíamos desde sempre que poderíamos caminhar juntos com liberdade e responsabilidade. Você me olha com tamanha admiração que busco ser o que seus olhos miram. Obrigada.

Agradeço sempre a irmandade que meus pais me oportunizaram, minhas irmãs e meu irmão, Carla, Carin e Claudemir. Eu serei sempre a filha mais nova, vocês serão sempre o porto seguro, com vocês descobri que a singularidade faz o que somos, e que é precisamente em nossas diferenças que encontramos nossas potências, eu percorro o caminho certa de que vocês o fizeram mais florido e seguro para que eu pudesse passar. Se isso não é amor, não sei o que mais poderia ser. Obrigada.

Agradeço meus cunhados e minha cunhada, que são parte da família e aprenderam a lidar comigo, da maneira que sou, sempre incentivando

os meus voos, participando da minha vida ativamente, demonstrando que o amor é uma extensão. Obrigada Douglas, Leandro e Karina.

Agradeço aos meus sobrinhos, Dante, Maitê, Liz e Tomás, que foram as crianças que me ensinaram a amar além do meu corpo, mostrando as muitas formas de ser infância, e me ensinando que ser tia é um constante aprendizado. Vocês são material de minha escrita, vocês são parte do que sou. Ao Dante, que foi meu primeiro e genuíno amor, você me fez tia. Vê-los crescer é um presente. Obrigada Dante, Maitê, Liz e Tomás.

Agradeço meus amigos e amigas, sobretudo Daniel, Luciana e Fernanda, que são amigos que partilham a vida comigo, fazendo com que a família possa ser uma extensão. Daniel, você é a pessoa que nasceu para estar comigo, e se nascesse de novo te escolheria para ser meu par novamente nessa vida. Luciana, você é a amiga fiel, aquela da qual eu poderia fechar os olhos e pular, você não soltaria a minha mãe, e eu jamais soltaria a sua. Fernanda, você é a minha diferença constante nesse mundo, aquela pessoa absolutamente o oposto do que sou, e por isso, necessária, porque me move e amplia minha forma de olhar para o mundo. Obrigada a cada um e cada uma.

Agradeço ao Ben, meu bebê deste momento, meu primeiro leitor, que com seus olhos curiosos me ajudou a olhar para Vento e Chuva, com seu corpo que me comunica, com seu sorriso que me emociona, com sua curiosidade que me move. Ver-te crescer é um presente. Obrigada.

Agradeço aos meus alunos, sobretudo hoje os da universidade, que acreditam em mim, confiam em mim, e olham comigo para a Arte, o Teatro e Literatura com cumplicidade e amor. Estou finalizando esse percurso porque tenho certeza de que o faço por vocês, por nossas partilhas, por nossas conversas, por nossos enfrentamentos, por nossos deslocamentos, por nossos aprendizados. Eu sou professora, porque vocês são minhas alunas, alunos e alunes. Obrigada, obrigado, obrigade.

Um agradecimento especial a pessoas que estiveram comigo durante todo este percurso, acreditando comigo na potência da Arte. Guilherme Karsten, que topou embarcar comigo na aventura de pensar *Vento* e *Chuva*, como literatura para bebês, e que sem suas ilustrações e seu

comprometimento com a pesquisa não seria possível alcançarmos estes dois livros tão cuidadosos. Rosana Mont'Alverne e toda a Editora Aletria, que sempre aceitam meus projetos, com cuidado e generosidade, acreditando comigo que a literatura precisa ser lugar de afeto e potência, constituíram o selo Alebebê exclusivamente para que pudéssemos dar este passo juntos. Thaís Weingartner e Suellen Junkes, que dividem comigo o palco e desejo de ver bebês e seus familiares fruindo teatralmente, em um espaço em que a educação estética e as trocas sejam de permanente reconhecimento e sentido. Obrigada, Obrigada, Obrigada.

Agradeço as professoras que fazem parte dessa banca, Sônia e Katia, que fizeram a primeira leitura desse percurso e ampliaram o meu olhar sobre o que estou procurando fazer, vocês foram muito importantes nesse percurso. E ainda a professora Caroline, a qual aguardo ansiosa por nossa partilha. Obrigada.

E por fim, e com certeza, não menos importante, agradeço sobremaneira meu orientador e amigo, Jean, que entrou na minha vida para partilhas de palco, seguiu como um amigo nos estudos, retornou como orientador, mas nunca perdeu o olhar carinhoso do amigo. É um privilégio ser orientada por um professor que permite autonomia e coragem, esse é um exercício docente para poucos. Jean, você é como poucos. Como amiga, aluna e orientanda: Obrigada!

*Sinto a escrita como uma fãca, é quase a arma de que preciso.*

*Annie Ernaux*

## RESUMO

A pesquisa, vinculada ao Laboratório de estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (Labelit/UFPR) e à Diálogos: rede internacional de pesquisa, constituiu um diálogo entre teatro e literatura para bebês. Estruturou-se enquanto objeto de tese um conjunto de textos que envolve a escrita, ilustração e publicação de duas literaturas para bebês e seus familiares, intituladas *Vento* e *Chuva*, e na posterior adaptação dos livros para o formato de espetáculo teatral. O trabalho teve como objetivo discutir a educação estética dos bebês, tendo como perspectiva acentuar a potência do bebê como sujeito em formação e dotado de sentidos. Acompanhou o objeto da tese um texto escrito em perspectiva autoficcional, apresentado em quatro capítulos: Mãe, Professora, Atriz, Escritora/Pesquisadora, que teve como objetivo refletir sobre o percurso da autora pesquisadora dos lugares de investigação que a permitiram lançar diálogos sobre o tema proposto. Para dialogar sobre o bebê e sua relação com o objeto transicional recorreu-se aos pressupostos teóricos de Winnicott. No que tange a educação estética e de linguagem, o trabalho sustentou-se em Bakhtin e o Círculo com seus escritos sobre cronotopo, dialogia e os estudos de ética e estética. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, ao privilegiar processos de criação autoral, tanto das obras *Vento* e *Chuva* quanto do espetáculo recorrente e do texto autoficcional. A pesquisa buscou compreender como se dá a educação estética do bebê na relação com o teatro e a literatura para bebês.

Palavras-chave: Autoficção. Educação Estética. Literatura para bebês. Teatro para bebês. Educação Estética.

## **ABSTRACT**

The research, linked to the Laboratory of Studies in Education, Language and Theatricalities (Labelit/UFPR) and Diálogos: an international research network, constituted a dialogue between theater and literature for babies. The thesis object was a set of texts that involved the writing, illustration and publication of two literatures for babies and their families, entitled Wind and Rain, and the subsequent adaptation of the books to the theater show format. The work aimed to discuss the aesthetic education of babies, with the perspective of emphasizing the baby's power as a subject in formation and endowed with senses. The thesis object was accompanied by a text written from an autofictional perspective, presented in four chapters: Mother, Teacher, Actress, Writer/Researcher, which aimed to reflect on the author-researcher's journey through the places of investigation that allowed her to launch dialogues on the proposed theme. To discuss the baby and its relationship with the transitional object, Winnicott's theoretical assumptions were used. Regarding aesthetic and language education, the work was based on Bakhtin and the Circle with their writings on chronotope, dialogism and studies of ethics and aesthetics. The methodology used was qualitative, privileging processes of authorial creation, both in the works Wind and Rain and in the recurring show and autofictional text. The research sought to understand how the aesthetic education of babies occurs in relation to theater and literature for babies.

Keywords: Autofiction. Aesthetic Education. Literature for babies. Theater for babies. Aesthetic Education.

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	12
<b>MÃE</b> .....	15
<b>PROFESSORA</b> .....	64
<b>ATRIZ</b> .....	80
<b>ESCRITORA/PESQUISADORA</b> .....	118
<b>POSFÁCIO</b> .....	143
<b>CARTA/PARECER</b> .....	147
<b>PARECER/CARTA</b> .....	150
<b>DIÁLOGO/PARECER</b> .....	154
<b>PARECER/DIÁLOGO</b> .....	166
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	173

## PREFÁCIO

Em suas mãos uma tese, que busca fugir do modelo cartesiano, e, portanto, *Vento e Chuva* de fato se constituem em objeto de tese. Para cumprir com o objetivo, de constituir uma tese que de fato alcançasse os bebês, os livros hoje publicados em parceria com a Editora Aletria inauguram o selo Alebebê da editora, e já se encontra nas mãos, bocas e relação entre bebês e seus cuidadores.

Há ainda uma conversa acerca de minhas leituras para a constituição dos livros, um diálogo com Bakhtin para afinarmos conceitos acerca da educação estética, e um diálogo com Winnicott para traçarmos juntos um pouquinho do que vem a ser o desenvolvimento emocional e social do bebê. Eu não queria deixar de dividir minhas leituras e pesquisas e entendi que por meio de uma autoficção conseguiríamos continuar em um ambiente literário e afetivo, que me interessa nesse momento.

Nesta autoficção que se coloca em suas mãos para a leitura, traço um percurso sobre minha maternidade, e como me constituí quanto mãe de gêmeos, quais os afetos e descobertas que essa mulher/mãe significava no caminho. Na descoberta de ser mãe a descoberta da formação social e cultural do bebê, enquanto ator de seu percurso e criador de seu vir a ser.

Traço ainda dois capítulos autoficcionalizados em que me permito visitar minhas memórias enquanto constituição de mulher/artista,

inicialmente como atriz e em seguida como escritora/pesquisadora, percebendo estas reverberações que alcançam minha docência e pesquisa.

Em percurso autoficcional coloco em suas mãos memórias de uma mulher/escritora/atriz/mãe/professora/pesquisadora, curiosa por uma pesquisa que possa de maneira não linear explorar o campo da educação estética por meio do teatro e da literatura.

Muitas maneiras de escrita me interessam, minha primeira experiência com autoficção está registrada no livro “A mãe que voava” literatura para a infância ilustrado pela Inês da Fonseca e editado pela Editora Aletria. Em seguida sigo em um percurso de autoficção em “Passarinhos” que tem ilustração de Ana Sanfelippo e foi editado pela Editora Aletria. Nesta perspectiva de pensar a literatura para a infância autoficcional fui compreendendo que meu modo de escrita literário está intrinsecamente ligado a quem e o que quero partilhar por meio da minha escrita. A autoficção portanto passou a se constituir na maneira como diálogo com o mundo.

Nesta perspectiva vale destacar que utilizo da autoficção em sua acepção, uma escrita que borra entre a biografia e a ficção, segundo Doubrovsky, “(...) quando fazemos uma autobiografia, devemos contar toda a nossa história. Mas na autoficção contamos a história em fases diferentes e com recortes, fazendo assim a escrita de um romance mais profundo, sob uma perspectiva nossa. (apud Figueiredo, 2010, p. 2)

Autoficcional é tornar-se autor, narrador e personagem, aguçando nosso olhar sobre quem somos e o que viemos sendo a partir de fragmentos que podem ser descritivos, como podem ser ficcionais. A autoficção corrobora com um desejo de pesquisadora em constituir uma tese não cartesiana e que dialogue com os processos que venho vivenciando na

universidade, na arte, mas também no meu mundo mais pessoal, por meio da maternidade, e que borra quem sou como artista, afetando minha maneira de olhar para a pesquisa e sobretudo para a educação estética, campo que venho investido desde que inicio no campo da pesquisa em Arte.

Possivelmente a autoficção me permite construir novos modos de olhar para o vivido, vou traçando uma escrita em que memórias reais se confundem – ou fundem – com memórias ficcionadas, em um percurso não linear sobre como fui me constituindo mãe e como fui me constituindo artista, possivelmente não tenho memória de elefante e por isso mesmo a ficção me permite dialogar com o imaginário e o poético enquanto refaço o percurso vivido. Não me atenho a autenticidade dos fatos, no entanto me mantenho na narrativa a que pretendo tensionar. Segundo Noronha,

De modo que a autenticidade dos fatos deixou de ser vista como condição de possibilidade: foi, ao contrário, a exploração do imaginário literário que passou a ser valorizada, sendo que o único critério de identificação aceito é o fato de que o escritor tome a si próprio como personagem de sua história e recorra à primeira pessoa ou até mesmo se designe de maneira mais indireta – com a condição, é claro, de que a identificação permaneça sempre óbvia aos olhos do leitor. (NORONHA, 2014, p. 133)

Uma autoficção portanto, me permite falar sobre como me constituo, enquanto me permite explorar um diálogo com os autores que me convidaram para conversar sobre o bebê e a educação estética, e ainda me permite construir novas maneiras de perceber o que vivi até aqui.

**MÃE**

*Eu não disse isso e não pensei isso também.*

*Caroline Carvalho*

Aquela foi uma noite realmente muito difícil, possivelmente a mais difícil que já vivi até hoje. Ainda sinto reverberar em mim a sensação de desamparo e desespero, um misto de estar caindo em um abismo e precisar segurar para não sucumbir.

Ninguém nos prepara para esse momento, e acredito que mesmo preparada ainda assim seria impossível de prever os detalhes e nuances de uma perda. Ao meu lado estava Benjamin, ele não saiu dali o que demonstra que ele sabia que eu precisaria mais dele do que nunca. A sensibilidade da infância está registrada nesses momentos, eles nos olham, adultos, e percebem que estamos desestabilizados, então eles nos olham, adultos, e estendem a mão e o abrigo.

Não dormimos aquela noite, como era de se supor, então logo cedo o telefone toca, número desconhecido, atendo e do outro lado da linha uma profissional do hospital se identifica:

- A doutora os espera às 9:00.

Tudo em mim estremeceu, eu não tinha mais forças para chorar e por isso mesmo não chorei, resgatei aquela centelha de coragem dentro de mim e meu pensamento foi: não é necessário entrar em pânico, ainda não sabemos o que houve.

Eu já sabia, mas não conseguia dizer, assim como não conseguia pensar.

As 9:00 estávamos lá, eu e minhas irmãs, meu companheiro e os companheiros das minhas irmãs. A médica se aproximou e em suas mãos ela carregava uma folha, nos aproximamos, de maneira que era como se estivéssemos abraçadas, mãos dadas, respiração em uníssono. Eu não conseguia processar o que viria a seguir, eu não estava preparada, ela disse:

- Sua mãe veio a óbito, sinto dizer.

Suas mãos carregavam o obituário.



Neste dia eu perdi a minha mãe.

Neste dia perdi a minha referência de maternidade.



5:00 da madrugada, desperto com o som da porta se fechando, meu sono leve já é uma preparação para o nascimento, foi o que me disse o obstetra, e quase todas as mães que converso repetem o mesmo mantra. Não consigo mais me levantar com facilidade, e mesmo dormir em uma posição de quase sentada tudo isso é um convite para ficar acordada. Não é confortável.

Aguardo alguns minutos, pensando na possibilidade de tentar dormir novamente, mas então meus pensamentos se voltam para os sons da rua, carros que passam, motos que irrompem o silêncio, vizinhos que começam a despertar. Desde que moro em apartamento, e essa é minha segunda experiência morando sobre a cabeça de outras pessoas, e sentindo os pés dos vizinhos sobre mim, que gosto de buscar ouvir os sons dos vizinhos. Consigo vaguear por alguns momentos quando ouço alguns estampidos ou quando ouço sons graves ou agudos, discussões ou conversas ao telefone. Fico intrigada pensando no que contam as vidas dos vizinhos que conseguimos ouvir, sobretudo no silêncio da madrugada.

Então preciso mesmo levantar, apesar da dificuldade, a necessidade de usar o banheiro me chama. Sentada sinto uma mudança no meu corpo, não é somente a vontade de usar o banheiro, algo mais percorre meu corpo. Como toda primeira experiência, só me pergunto o que pode estar acontecendo e levanto o peso extra que carrego e sigo caminhando com já alguma dificuldade até o banheiro.

Fico em suspenso quando verifico sangue, o alerta chama, o obstetra repetiu consulta a consulta:

- Se houver sangue, busque o pronto socorro.

Liguei para Magu que me atende de pronto:

- Estou sagrando.

Eu não estava preparada para isso, ele muito menos. Mas em quinze minutos ele entra, eu já estou com o que foi possível separar naquele momento, procuramos não nos olhar, não o suficiente para a insegurança se fazer presente. Nunca fizemos isso antes.

Chegamos ao pronto socorro, a obstetra de plantão faz diversas perguntas, ausculta, verifica cuidadosamente o ponto em que me encontro. E sem muito pestanejar me confirma:

- Acredito que vai ser hoje, vamos te encaminhar para Blumenau, no Hospital Santo Antônio, seu obstetra assume de lá.

Nunca vivi isso antes, e não era preciso uma experiência prévia para saber que ainda era cedo, que não estava tranquilo, que podia não ser como o esperado. Nunca vivi isso antes, e em menos de 10 minutos eu estava em uma ambulância, com todos os sons de uma ambulância, com todos os movimentos de uma ambulância. Amarrada e segura. Segura? Pelo menos foi o que acabava de me afirmar o paramédico que me tranquiliza dizendo:

- Fica tranquila, você está segura.

Ouçõ Magu conversar com a obstetra da ambulância que só afirma:

- Por favor não tente nos acompanhar, precisamos chegar em Blumenau em 30 minutos.

Magu me beija, se despede e confirma que ele chegará assim que possível, eu o recomendo a não tentar acompanhar, ouvi o que a obstetra disse e tudo o que não precisamos é de um acidente no caminho. Minha cabeça se desfaz em silêncio, porque os sons eram muitos, a conversa entre os

paramédicos, a música, a sirene, os carros, o movimento da cidade, o mesmo som que ouvi no silêncio do quarto agora me acompanha no caos dos ruídos.

Não demoramos a chegar, assim como não demorou o obstetra de plantão me receber e afirmar que já tinha conversado com o meu obstetra, teríamos uma tentativa de manter algumas semanas mais, mas que tudo dependia do exame clínico.

Ele procedeu com os exames, e foi então que uma bateria de escola de samba decidiu começar seus trabalhos, e como estão com todo o corpo da bateria a postos, o médico afirmou:

- Temos 6 dedos de dilatação, minha recomendação é não mais esperarmos, vou comunicar seu obstetra.

Magu está comigo o que faz com que tudo seja menos desesperador, apesar de que nunca tínhamos vivido isso antes, era novo para os dois, não havia um acorde de consolação, ou uma expectativa de que deveria ser como já sabemos que seria, não sabíamos o que, ou como seria.

As enfermeiras vieram me preparar e Magu estava comigo, fui recebendo instruções claras de como se daria todo o processo, a anestesia, o tempo que levaria, quais os procedimentos principais. Magu não poderia acompanhar, infelizmente. Nenhum de nós dois sabia o que estava por vir.

Na sala fui entendendo toda a equipe montada, vi que seria rápido, que seria certo, que não poderia ter erros. Eles estavam seguros, eu não, eles sim, e lembrei do silêncio do apartamento na madrugada as 5:00, na incerteza dos sons, mas na tranquilidade de os ouvir como espectadora, a anestesia já foi dada, não tem mais volta, os próximos passos definem o que será de uma vida, de duas vidas, ou de quatro.

Eles nasceram!

Bernardo o primeiro a nascer.

Benjamin em seguida.

Eles nasceram!

Neste dia eu entendia que me tomaria mãe.

Neste dia a maternidade passou a fazer parte de mim.



Se isso é amor eu não sabia explicar como o amor pode doer enquanto completa quem somos.

A maternidade chegou de maneira intensa, e extremamente cansativa. Entre me dividir em UTI e berçário eu era um ser mãe que caminhava, meu trajeto eram os corredores hospitalares e meu silêncio eram os sons de monitores cardíacos. O som que me perseguia era o mesmo som que os mantinha vivos. Eu tinha naquele som a resposta de uma vida.

Não posso dizer que foram dias tranquilos e muito menos afirmar que estava certa do que estava por acontecer. Permanecer no hospital nos dava a segurança de vida, apesar da insegurança diária que nos apresentava o quadro clínico que dois bebês que nasceram prematuramente e, portanto, não nos deixavam seguros do que estava por vir.

Foi um constante ir e vir, estar no hospital as 6:00, iniciar os cuidados diários, o grupo de acolhimento de mães com bebês em situação de risco, mais cuidados, conversas com a fonoaudióloga sobre amamentação, mais cuidados, visita do médico e repasse de boletim diário, mais cuidados, conversas aleatórias com as enfermeiras, mais cuidados, conversas com as demais mães, mais cuidados, preparação noturno e despedida. Sair do hospital as 20:00. E no dia seguinte retorno aos cuidados.

Eu não estava sozinha, eu nunca estive sozinha. Logo cedo, quem me deixa no hospital, e a noite quem me busca, é a minha mãe. Magu estive com a gente por sete dias, mas sete dias não foi o suficiente, eles precisavam de mais cuidados. Benjamin estava na UTI neonatal, entubado, frágil, muito pequeno, sua pele era tão fina e delicada que conseguia ver seu corpo

trabalhando para o milagre de se manter vivo apesar das adversidades. Bernardo estava no Berçário, apesar de não precisar de medidas mais invasivas ainda assim ele era frágil, sua pele fina, seu pulmão ainda em desenvolvimento, necessitando alcançar o peso mínimo para ser considerado um bebê "viável", um bebê saudável, destes que se leva pra casa dois dias depois de nascer.

E como eu não estava sozinha, minha mãe foi suporte emocional, fortaleza para os momentos de medo, e voz da experiência. Ela foi mãe de gêmeas, e eu ainda não sabia naquele momento que sua experiência seria alívio para os momentos mais desafiadores, e seria risadas para os momentos de memória. Ela teve todos os seus partos de maneira natural, eu necessitei de cesariana. O que modifica completamente a experiência pós-parto. Assim que os passarinhos nasceram; preciso te contar aqui que eles se tornaram nossos passarinhos desde o dia em que descobrimos que a gestação seria em dose dupla; fiquei deitada e o efeito da anestesia saindo do meu corpo foi um dos momentos mais marcantes da minha vida, tremia incontrolavelmente, não sentia frio, mas ainda assim não conseguia controlar o meu corpo tremendo, ao meu lado uma mãe de primeira viagem, como eu, que acabava de parir com parto normal, ela caminhava, ela me ajudava inclusive, e estava disposta. Olhava para ela e me pareciam mundos completamente diferentes. A experiência do parto nunca é igual, constatei ali.

Neste período pude ter longas conversas com a minha mãe, conversamos sobre suas experiências de parto, sobre o início de sua maternidade, eu nunca tinha olhado minha mãe como mãe de primeira viagem, como mãe de bebês, que um dia ela foi. Sempre a olhei como minha mãe e isso era tudo, nunca me ocorreu que ela foi mãe como eu estava sendo mãe naquele momento, absolutamente sem saber o que estava fazendo. Mas ainda

assim, ela foi o suporte, desde que nasci, e sei que isso define minha maneira de maternar, ela foi espelho, reflexo e amparo. O pediatra Dr. Winnicott<sup>1</sup> me disse em uma das consultas iniciais:

Como você já deve supor, e creio que todos concordem, penso que é *comum* a mulher entrar em uma fase, da qual é *comum* ela se recuperar em algumas semanas ou meses após o nascimento do bebê. Durante essa fase, em grande medida, a mãe é o bebê e o bebê é a mãe. Não há nada místico nisso. afinal, ela já foi um bebê e tem em si as memórias de já ter sido um bebê; ela também tem memória de ter sido cuidada, e essas memórias ou ajudam ou atrapalham suas experiências como mãe. (WINNICOTT, 2020, pg. 20)

Minhas memórias de ser bebê tem a presença dela, e eu sei que apesar de todos os contextos que ela vivia, e eu sei que apesar da necessidade de ser mãe de quatro filhos, assim como sei também que foi com extremo cansaço, e eu sei, sobretudo, que apesar de não conseguir me amamentar, ela foi a melhor experiência de mãe que eu poderia ter, ela era suficientemente boa (WINNICOTT, 2020).

Os dias de UTI neonatal e de berçário foram um misto de medo e aprendizado, ali dentro descobri que eu não sabia nada sobre ser mãe, este instinto natural que acreditamos que é intrínseco a maternidade não é exatamente instintiva, o que faz com que ao olhar dois bebês assim tão pequenos e frágeis eu tivesse a sensação de que eu não estava preparada,

---

<sup>1</sup> Tomo como exercício autoficcional que Winnicott e Bakhtin, autores aos quais constituirei diálogo ao longo desta escrita, estejam como personagens partícipes e essenciais para a constituição desta narrativa.

e agora tenho certeza de que todas as leituras que fiz, não serviram para a realidade que se apresentava diante de mim.

Dois bebês, uma mãe. Dois bebês prematuros, uma mãe de primeira viagem. Isso seria tudo, não fossem as infundáveis sugestões recebidas diariamente. Eu gosto muito de observar os sons, e gosto de ouvir histórias, o ser humano me intriga, e por isso minha curiosidade sempre foi aguçada. Porém, nossa família não tem um histórico de bebês prematuros, o que fez com que a incógnita se tornasse combustível para todas as opiniões e histórias. Uma, duas, três, dezenas de vezes, ao encontrar familiares e amigos ouvia a história, que para mim já se tornou clássica, de que teve uma vez que o bebê de alguém nasceu prematuro, na época a medicina não era tão avançada, e o bebê foi criado em uma caixa de sapato, mas conseguiu se criar, por isso não precisava me preocupar.

Eu estava preocupada, diariamente, e muito, eu chorei os 30 dias que eles permaneceram hospitalizados, eu estava desestabilizada, e mesmo a necessidade de enfim me tornar mãe me assombrava, a natureza instintiva materna não deu certo comigo, e agora não tem como corrigir. Foi exatamente quando ouvi da minha mãe que a única coisa instintiva na maternidade é ficar assustada, que uma chave girou.

No dia seguinte eu não estava mais esperando construir uma relação instintiva de maternidade absoluta, eu estava determinada a descobrir como os manter vivos, eu era uma mãe, eles eram bebês prematuros, nosso primeiro convívio seria baseado em cuidados diários para os manter vivos, e se isso desse certo, eu teria conseguido o principal. Não começamos nossa vida em casa, então era necessário que

o hospital fosse nosso local de construir vínculo. "Tudo começa em casa" segundo o Dr. Winnicott (2021), para ser uma mãe suficientemente boa eu precisaria fazer do hospital nosso começo.

Fui entendendo que essa seria uma experiência individual de maternidade, seria a minha e a melhor maneira de a viver seria com imaginação, foi Dr. Winnicott em uma de nossas consultas, ainda na UTI neonatal quem me salvou, quando disse:

Devo estar preparado para lidar com certa dose de imaginação, já que é assim que deve ser, afinal somos mais do que um conjunto de fatos; e o modo como percebemos nossas experiências e a forma como elas estão entrelaçadas com nossos sonhos formam parte desse todo que chamamos vida e experiência individual. (WINNICOTT, pg.92,2020)

A nossa relação começou, portanto, baseada nestes cuidados diários necessários para a sobrevivência, o que devo dizer, incluía menos colo, que seria o esperado, e mais banhos de óleo, trocas de fraldas sem muito toque, checar os monitores sempre ligados e sonoros, observar os medicamentos, aguardar ansiosa o ganho de peso, e sobretudo, compreender o que cada som e choro estava tentando me comunicar. Bernardo fazia sons, mas não chorava, havia um tipo de reclamação, que aos poucos fui compreendendo que era sim a ausência de sua outra parte, seu irmão. Benjamin era um bebê inquieto, muito pequeno e entubado, essa foi minha maior surpresa, e encontro com a formação sensível.

Como Benjamin se mantinha inquieto, mesmo entubado e sedado, o pediatra da UTI, Dr. Winnicott, me questionou quanto aos estímulos que utilizei durante a gestação, me perguntou se havia alguma

música da qual ouvia com frequência, havia músicas, comentei, mas então lembrei do livro, "Fuzarca", que foi momento noturno de diálogo com a barriga. Sua sugestão foi de tentarmos utilizar o livro para que Benjamin se sentisse mais seguro.

Magu trouxe o livro, e juntamente comigo e a enfermeira que exercia os cuidados do Benjamin, fiz a leitura, e o surpreendente se deu, ele ficou em suspensão, parou, parou seus movimentos, sua respiração acalmou, seus parâmetros estabilizaram, por um momento ficamos todos em suspensão, por um momento tudo parou, ficamos juntos em suspensão. Meus olhos ficaram mareados, Magu sentia o mesmo, a enfermeira esboçou um sorriso seguido de olhos emocionados. Foi mesmo emocionante, foi mesmo um momento de pausa. E foi um dos momentos em que senti que fazia diferença na existência de outro ser, eu era mãe.

Desde que eles nasceram eu estava em uma missão que me fez esquecer por um momento que eu tinha outros papéis sociais, esqueci que sou também artista, sou professora, sou pesquisadora. esqueci que sou também artista, sou professora, sou pesquisadora. E aquele momento me fez rememorar meus escritos e até minha prática quanto professora que acredita na formação sensível do humano, eu vivia naquele momento o que sempre acreditei: o papel da arte na educação sensível e estética.

No meio do caos há sempre um momento, pelo menos, que se dá para nos dar sentido. Esse era o sentido. Eu precisava voltar a lembrar de mim, de quem sou, e assim conseguiria olhar para eles com olhos de mãe, mas com a inquietação da artista, da pesquisadora e da professora. Aquela dia viria para esboçar os próximos capítulos das minhas

investidas como escritora, como atriz e até mesmo na pesquisa acadêmica, eu estava viva, eles sobreviviam, e a gente conseguiria fazer isso juntos.

Até ali estávamos fazendo isso tudo na incubadora, imagina o que poderíamos fazer depois dela. Diariamente os cuidados envolviam os manter na incubadora, a ausência do colo portanto era sentida. O colo é lugar de afeto, definindo as relações saudáveis que o bebê terá com sua família, consigo mesmo e com o mundo (WINNICOTT, 2020).

Num primeiro momento o bebê precisa, por meio deste colo, que quem o segure ocupe o espaço existente entre o bebê e o mundo, para que em seguida ele possa surpreender o mundo e que esteja seguro para ser surpreendido pelo mundo, pois sente-se seguro, em um colo, nos braços e no corpo, e até mesmo na respiração de quem o segura. Em uma de nossas consultas, ainda na UTI, Dr. Winnicott assim definiu estes três estágios,

Primeiro estágio: o bebê está contido em si mesmo, é uma criatura viva, mas cercada pelo espaço. O bebê não sabe de nada, exceto de si mesmo (self). Segundo estágio: o bebê move um cotovelo, um joelho ou se estica um pouco. O espaço foi atravessado. O bebê surpreende o ambiente. Terceiro estágio: você está segurando o bebê e dá um pulinho ao ouvir a campainha tocar ou o som da água ferver, e mais uma vez o espaço foi atravessado. Dessa vez foi o ambiente que surpreendeu o bebê. (WINNICOTT, pg.33, 2020)

Nós três ainda não tínhamos nos encontrado em um abraço de colo, eles foram parte de mim, agora são integrantes do mundo.

Na medida em que os cuidados diários avançavam começamos a perceber os resultados, na balança que assegura o ganho de peso, e até mesmo na melhora substancial dos parâmetros de cada um deles. Apesar da ausência do colo fui compreendendo nossa maneira de nos comunicarmos. Benjamin seguia ouvindo a história diariamente, minha voz e a narrativa familiar, serviam como seu colo. Bernardo recebia massagens diárias em seu corpinho, com óleo corporal, e foi o primeiro a poder, com 15 dias, alcançar nosso abraço.

Um de nossos encontros memoráveis sem dúvida.

Chegando ao berçário, logo cedo, fui surpreendida com uma indagação da enfermeira;

- Preparada para trocar a fralda e fazer canguru no nosso passarinho?

Nunca uma pergunta tinha me suado tão convidativa. Então eu sabia o que é segurar meu bebê no colo, pela primeira vez. Assim que trocamos a fralda ela me pediu que trocasse a camiseta pela camisola hospitalar. Sentei-me na cadeira e abri a camisola aguardando seu corpinho frágil e muito pequeno, ele ainda não tinha alcançado nem dois quilos, era realmente pequeno. Mas eu sabia que estava preparada para servir de colo.

Quando Bernardo se deitou sobre minha pele senti meu corpo inteiro emocionado, meus braços o acolheram, comecei a sussurrar uma cantiga para que ele ouvisse minha voz, senti as lágrimas, e um sorriso se abriu. Ele se encolheu, expressou ruídos delicados, senti sua respiração e sua pele.

Neste dia eu soube que havia subido mais um degrau na escalada de ser mãe.

Neste dia eu descobri que seria capaz de ser mãe.



Sexta-Feira Santa e logo cedo, as 6:00, ao chegar no berçário vejo a enfermeira a passear com Bernardo, ele se coloca confortavelmente sobre o colo dela, de bruços, assim tão pequeno ainda, ele não parece compreender tudo o que se passa a sua volta, todo o esforço deste coletivo para o manter vivo, respirando, este respirar que foi tônica de nossa permanência no hospital ao longo destes 30 dias.

Sete dias antes desta manhã, não cheguei sozinha ao hospital, Magu me acompanhava, e quando entramos fomos surpreendidos por sorrisos e um pedido para aguardar na porta, assim fizemos. A enfermeira chefe se aproxima, o que nos deixa tensos, nosso ir e vir era sempre acompanhado por uma incerteza sobre a sobrevivência deles, então, seu pedido nos deixou angustiados, não nos olhamos, pois durante aquele mês, sucessivamente descobrimos que era melhor não nos olharmos, para que o desespero não tomasse conta dos dois.

A enfermeira chefe nos diz rapidamente:

- Temos uma excelente notícia, e uma notícia que pode assustar. Mas vou começar pela boa notícia. Benjamin teve alta da UTI, ele está aqui, já se encontrou com o mano, e aguarda vocês.

Sorrimos aliviados, apesar de que não sabíamos o que ainda poderia nos assustar, apesar de preparados para tudo, ainda assim, não suportaríamos perder nenhum dos dois, o medo ainda se mantinha eletrizando nosso corpo. Ela seguiu:

- Mas, assim que ele desceu o colocamos junto do Bernardo, que ficou muito emocionado e por isso, teve uma parada respiratória. Já está

estabilizado, mas voltou para o capacete auxiliar de respiração. Ele vai ficar bem, não se assustem quando o vir.

Um susto, certamente, um susto que foi rapidamente suplantado pela emoção de os ver pela primeira vez, juntos, lado a lado, como eles sempre foram. Agora sim, eu me sentia mãe de gêmeos, acredito que em 23 dias, eu e Magu nunca tínhamos sorrido com tamanha intensidade. Esse foi o momento em que nos sentimos completos.

Esse foi o momento também que percebi que, ao contrário do que eu pensava, eles sabiam de sua existência, eles sabiam de nossos esforços, eles sabiam dos esforços da equipe hospitalar, eles sabiam, da existência um do outro, eles sabiam, como nós, que tudo estava se encaixando.

Bebês prematuros, e o início da vida, uma jornada sem volta, eu descobriria ali que eles me instigariam a pensar a formação humana desde o início da formação do ser. Por eles eu perseguiria uma pesquisa as voltas da educação estética dos bebês, um caminho sem volta.

Volto à Sexta-Feira Santa, o dia em que chegando no berçário a enfermeira me comunica que o médico, Dr. Winnicott, passaria visita para os dois e solicitou que eu estivesse acompanhada do Magu ou minha mãe, para que ele pudesse conversar comigo e com nossa rede de apoio. Por um momento não me senti bem, fiquei nervosa, esses momentos sempre me pegavam de surpresa. Sai antes mesmo de alcançar os dois, decidi ligar para a minha mãe, Magu estava trabalhando, não estava próximo, e seria melhor pedir que ela estivesse comigo.

Minha mãe atende prontamente e se desloca ao hospital, já estávamos junto do Dr. Winnicott, que antecipa e me pergunta:

- Você se sente preparada para os levar para casa?

Eu respondo sem titubear:

- Claro que não. Eles precisam de muitos cuidados.

- Ótimo, responde o Dr. Você está preparada.

Ele faz uma longa lista de cuidados e necessidades, muitas delas assustadoras e cansativas, seria como montar um berçário em casa, com 24 hora de atenção aos dois. Constituir uma rotina, ele ressaltou muitas vezes, será necessário. Ao final dessa longa lista ele interroga:

- Você sabe tudo o que precisa fazer, estais acompanhando o dia a dia deles aqui, você acredita que consegue?

Eu nunca estive sozinha, e minha mãe prontamente responde:

- Ela nunca estará sozinha doutor, não se preocupe.

Ligo para a minha irmã e solicito ajuda para os levar para casa, o dia da alta havia chegado, eu não imaginava que seria tão rápido, já havia uma rotina em nossa vida, que incluía o hospital, agora começaríamos uma nova relação. Eu sei que não estava sozinha, mas não era isso o que eu sentia, eu me sentia responsável, por duas vidas, prematuras, seria eu, os dois, e o inusitado.

A saída do hospital foi um tanto quanto caótica, os dois estavam calmos, mas eu ainda não sabia como era o assédio do mundo para dois bebês gêmeos. As pessoas param, perguntam, e solicitam tirar fotos, o que fez com que nossa saída do hospital fosse registrada não por mim, mas por pessoas que

estavam na recepção, que eu nunca tinha visto e certamente nunca mais veria novamente.

Num primeiro momento ficamos em casa, na casa da minha mãe, o que foi um novo momento de adaptação. Eles realmente eram dois pequenos bebês que necessitavam ainda de muitos cuidados. Era como viver em suspensão, olhando as reações, as ações, os movimentos, e até as expressões. Na certeza incerta de saber o que se está fazendo. Ou na certeza incerta de não saber o que se está fazendo. Eu realmente não sabia o que estava fazendo, e talvez isso fosse bom, ou talvez me fizesse refletir sobre tudo isso.

Eles saíram do hospital, eu saí do hospital, saímos, era isso.

Neste dia eu descobri que seria responsável por dois seres humanos.

Neste dia eu descobri que dois seres humanos dependeriam de mim.



Acordei de uma noite muito mal dormida e pensei: ser mãe é exatamente isso?

Cansaço. Insegurança. Afeto. Medo. Instabilidade. Amor. Insanidade. Catarse. Tremores.

As primeiras semanas surgiam como um borrão, possivelmente o cansaço extremo não me possibilitou registrar com precisão o que estava se passando. Uma rotina que envolvia alimentar dois bebês a cada duas horas, estimular os dois bebês a cada duas horas, observar constantemente os dois bebês.

Esse vir a ser, na relação mãe bebês foi uma descoberta, possivelmente foi essa descoberta que me levou a perceber que eu poderia fazer isso e que o faria com o que pudesse fazer de melhor. Foi esse buscar fazer que despertou em mim um desejo de oportunizar a eles o encontro com o mundo. Neste encontro com o mundo a relação estética e com a Arte seria fator determinante, eu saberia fazer isso, possivelmente sabia muito mais do que o que estava fazendo até então.

6:00 eles despertam, como relógios que nunca perdem a hora. Os sons característicos mostram que eles já dialogam na cama. Quando me aproximo o que vejo são quatro olhos curiosos que me acompanham. Meus movimentos são sempre notados. Nosso primeiro movimento é o da troca da fralda, pego Bernardo, ele sorri, eu me aproximo para sentir o seu cheiro, seu rostinho de quem acaba de despertar, marcas do travesseiro, fazem dele um bebê sempre muito sociável, talvez por isso prontamente ele se torna nosso ursinho.

Em seguida a troca da fralda do Benjamin, seus grandes olhos amendoados, despertos e curiosos, demonstram que ele está desperto, preparado para mais um dia de grandes descobertas. Ao contrário do irmão o travesseiro parece nem ter lhe tocado, ele parece o mesmo bebê que acabava de deitar-se, a mesma energia, possivelmente foi essa sua vivacidade que o fez se tornar nosso macaquinho.

Para além destas características, que os faziam ser únicos, eles foram se tornando nossos passarinhos. Um desejo de que eles fizessem de nosso lar um ninho, mas que prontamente aprendessem a voar, fez com que o apelido se tornasse uma tônica de nossa relação com eles e com o modo como buscamos os relacionar com o mundo.

Foi nesse exato momento, entre os tornar passarinhos e eu me tornar uma mãe, que fui compreendendo esse bebê que não pode existir sozinho, eles necessitam, portanto, de um cuidado, sem este cuidado eles não podem existir (Winnicott, 1948). "O bebê não deve ser pensado como uma coisa em si, como uma espécie de máquina ou 'aparelho' de autodesenvolvimento fechado, [...] mas, noutra direção, deve ser percebido como acontecimento vivo de uma relação." (Winnicott, 1948/1978b, p. 208). Dr. Winnicott ressurgia a todo tempo em meu cérebro, como um aviso de existir.

Neste acontecimento vivo de uma relação fomos nos estabelecendo, as 6:00 da manhã, diariamente, o despertador de passarinhos toca e começamos a nos conhecer. Um mecanismo vivo de dois bebês extremamente diferentes, mas gêmeos, faz com que o nosso dia a dia seja de muitas descobertas. Mas também que o nosso dia a dia seja de uma rotina ininterrupta de os perceber como seres de linguagem e de constituição de uma individualidade.

Voltamos as 6:00, o despertador, o início de uma rotina diária. A troca da fralda. E então vamos a amamentação, em que cuidadosamente, sentada, fomos descobrindo modos nossos de nos alimentar. Por vezes eles foram colocados lado a lado, cabeça próxima de cabeça, em dias frios corpo sobre corpo, e um calor que nos aquecia. Éramos, nesses momentos um corpo somente, mesmo que três, voltávamos a ser um. Uma dependência absoluta (Winnicott, 1948), em que fui me percebendo corpo que alimenta, mas também corpo que atende as necessidades, corpo extensão de dois corpos bebês ainda em necessária dependência.

Ao ser corpo extensão vou compreendendo a necessidade de ser abrigo, mas ser também construção de relação com o mundo. Vou percebendo que estes meus passarinhos ainda não compreendem um campo subjetivo, que se refere à expansão de seus sentidos. Somos ainda um corpo.

As 8:00 começamos a nos encontrar na relação com o mundo, e por isso mesmo a cada dia descobrimos novos caminhos, isso porque seus olhos curiosos e os sons que emitem convidam a sair de casa, a caminhar pelas ruas, a fazer do mundo um lugar a se habitar. Caminhamos então. As 8:00, diariamente, passeamos. Eles então começam a olhar o mundo, pelos meus olhos, por certo, mas também por uma construção individual, quanto mãe vou construindo um ambiente seguro para olhar, eles vão descobrindo a rua, as árvores, as flores, os pássaros, os sons, o cavalo que se alimenta, o cachorro que corre e abana o rabo, a vizinha que nos cumprimenta diariamente.

Nosso percurso é quase sempre o mesmo, caminhamos no nosso entorno, mas nesse entorno há uma segurança da familiaridade do que vemos, aliada as mudanças diárias que se dão aos nossos olhos. Vamos todos os dias até a padaria, somente para dar bom dia, vemos as mesmas pessoas na padaria,

mas nunca é somente um bom dia, e nunca são somente as mesmas pessoas, é sobretudo uma maneira de nos fazermos conhecer a participação de cada pessoa no nosso mundo.

Ao retornarmos o cansaço já se estabelece nos olhos destes passarinhos, eles adormecem assim que adentramos nossa casa, e as 10:00 temos nossa próxima parada, o descanso matinal.

11:30 eles despertam, pela segunda vez em um dia, despertam com fome, e reiniciamos nosso compromisso com a segurança de um ambiente facilitador (Winnicott, 1948). Voltamos as trocas das fraldas, Bernardo com seu rosto amassado e modo preguiçoso de se dar a acordar, Benjamin com seus grandes olhos abertos e seu modo desperto de reiniciar o dia.

Então as 11:30 logo após a troca vamos à alimentação, suas particularidades também nos mostram um modo singular de se alimentar, Bernardo está ansioso pelo alimento, ele gosta da textura, ele sente prazer em se alimentar, Benjamin por outro lado se mostra sempre numa constante descoberta de paladar e de interesse, o que nem sempre o agrada. A descoberta do mundo passa também pelo paladar, eu digo a eles, ainda sem saber se eles entendem os diálogos que estamos travando. Temos então diariamente pequenas conquistas. Em nossa última consulta, Dr. Winnicott ressaltou:

- Quando o ambiente facilitador – que deve ser humano – é suficientemente bom, as tendências hereditárias de crescimento do bebê alcançam suas primeiras conquistas. É possível dar nome a essas coisas. A principal se resume na palavra *integração*. Todas as pequenas e singelas atividades e sensações contribuem para formar o que reconheceremos como um bebê específico começa a

se unir e possibilitam momentos de integração nos quais ele se torna uma unidade (...) (WINNICOTT, 2020, p.25)

Nossas pequenas conquistas se integram ao que estamos construindo juntos. Quanto mãe compreendo que eles são ainda uma extensão de mim. A existência destes passarinhos está condicionada a possibilidade de vir a ser. Possivelmente esse é meu maior objetivo, permitir que eles descubram quem eles são.

6:00 eles não despertam, nós despertamos, desespero, eles estão dormindo, 36 meses, eles passam a se compreender únicos, não mais uma extensão do meu corpo.

Neste dia eu descobri que eles estavam em desenvolvimento natural.

Neste dia eu descobri que eles seriam ainda parte do que sou.



Mensalmente nos encaminhávamos até a clínica para o acompanhamento mensal, até aqui, os passarinhos completando 24 meses, o equivalente a 2 anos, tivemos poucas intercorrências para além das consultas mensais. O que certamente era bom, dado o fato de que o que se espera é que os bebês consigam amadurecer sem precisar de constante consultas.

Hoje, porém, tenho também algumas angústias a compartilhar com o Dr. Winnicott. Assim que chegamos, eu e Magu, entramos, realizamos a confirmação de chegada, e a secretária nos informa que não há atrasos na consulta.

Subimos as escadas e o que encontro é um espaço de encontro entre mães e bebês, pais e bebês, familiares e bebês. Neste espaço costumo fazer sempre algumas boas trocas de informação, alguns dias temos a sorte de nos encontrar mais de uma vez, e o que era uma descoberta de um dia passa a ser uma troca de informações. Esse espaço é significativo, mães mais experientes buscam trazer algum alívio, as de primeira viagem se veem as margens de um espaço de compartilhamento de suas angústias. Quase sempre encontrava na sala de espera uma mãe com uma babá, e trigêmeos, com a mesma idade dos passarinhos.

No espaço de espera há um grande arsenal de brinquedos, grandes e pequenos, livros, mesas, bolas, um espaço com tatame, sem acesso a escada, o que permite que deixemos os bebês livremente neste espaço com a calorosa sensação de que podemos por algum momento sentar-se e conversar descompromissadamente. A despeito dessa palavra, que já não utilizo a alguns anos, ela me soa deliciosa, sinto inclusive repetir: descompromissadamente.

Os momentos de descompromisso se encerram assim que Dr. Winnicott chama:

- Bernardo e Benjamin.

Os dois se viram, pois assim que ouvem o chamado de seus nomes eles já se colocam a postos. Entramos e na sala novamente eles encontram um espaço seguro e repleto de brinquedos, de madeira, para que pudessem manipular livremente. Eles prontamente seguem até os brinquedos, sem nenhuma interrupção, eles sabem que este espaço é para eles. Sentamo-nos, e já se segue a pergunta do Dr.:

- Como estão os dois, e como vem sendo o desenvolvimento ao longo dos dias? Há algo que precisam relatar? Como posso ajudar?

Ah essa pergunta, sempre carregada de um não senso de saber que seguida dela virá uma cachoeira de perguntar e indecisões. Talvez o que mais me trás aqui é a facilidade com que o Dr. Winnicott consegue nos apresentar o desenvolvimento deles quanto bebês. Essa facilidade me assegura de que o caminho é de incertezas, mas de uma mãe suficientemente boa, um pai suficientemente bom, e um ambiente que busca ser facilitador, na medida em que se apresentam as necessidades destes passarinhos. Em seguida pontuo ao doutor:

- Dr. Gostaria de conversar sobre a relação que eles estão estabelecendo com o mundo, eles ainda não estão na escola, mas sentimos que vem chegando o momento, e gostaríamos de nos preparar adequadamente.

Dr. Winnicott deflagra que essa é uma questão pertinente a todas as famílias, e que já a muitos anos ele vem convivendo com essa transição entre o espaço familiar e a escola, o espaço familiar e a relação com o mundo. E ele segue, para que esse momento seja adequado é necessário compreender que o bebê precisa viver um processo de integração, que será suscitado por um

ambiente facilitador. Tendo vivido bem este estágio é certo que o bebê se tornará um indivíduo saudável e estará preparado para os próximos passos, a favor de sua autonomia. Nas palavras exatas do Dr. Winnicott:

- “A vida de um indivíduo saudável é caracterizada tanto por medos, sentimentos conflituosos, dúvidas e frustrações como por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo a própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir crédito pelo sucesso e pela culpa pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo passou da dependência para a independência, ou para a autonomia.”  
(WINNICOTT, 2021, pg. 29)

Consegui compreender que Dr. Winnicott narra a importância deste processo de constituição da autonomia, que seguramente estar na escola constituirá como processo necessário e significativo. Em seguida ele explicou sobre o bebê que já nasce apto a seu processo de crescimento e que por isso está preparado para a integração de sua personalidade, não sendo necessário uma preocupação maior caso tenha se oportunizado um ambiente facilitador. Nas palavras do Dr. Winnicott:

- “O bebê nasce com tendências herdadas que o impulsionam impetuosamente para um processo de crescimento. Isso inclui a tendência a integração da personalidade. A

totalidade da personalidade em corpo e mente e à relação interpessoal, à medida que a criança cresce e percebe a existência de outras pessoas. Tudo isso vem de dentro o menino e da menina. Esses processos de crescimento, contudo, não podem se efetivar sem um ambiente facilitador, sobretudo no início, quando há uma condição de dependência quase absoluta.” (WINNICOTT, 2021, pg.169)

Suas palavras me ajudaram a pensar sobre a maneira como confiamos no processo de entrada de nossos passarinhos para o espaço mundo que está além de nossa casa, mas também em um processo de confiança na habilidade deles de construir confiança com novos ambientes em que serão inseridos. Dividi com o Dr. Winnicott estes pensamentos, e ele confirmou:

- “Atos de confiabilidade humana estabelecem comunicação muito antes de o discurso verbal adquirir significado – a postura da mãe enquanto nina a criança, o tom e o som de sua voz, tudo isso é comunicado muito antes que se compreenda a fala.” (WINNICOTT, 2021, pg.173)

Voltamos em sua fala para o ambiente facilitador, que os prepara para confiar, e que a nossa maneira, quanto pai e mãe, de também nos posicionarmos definirá o modo como eles estabelecerão confiança com o lugar da escola, ao estabelecer uma rede social, e até mesmo neste próximo

passo, confiando que o ambiente facilitador que estabelecemos os preparou para a entrada na escola. O próximo passo vamos dar juntos.

Observando nossa confiança, percebi um sorriso no rosto do doutor, que possivelmente percebe que é por meio destes diálogos que pais e familiares passam a olhar mais amíúde para o desenvolvimento de seus bebês e se sentem mais preparados para os passos seguintes. Pois eles se estabelecem em nosso colo, então descobrem o engatinhar e em seguida caminham rumo ao desconhecido que os constitui culturalmente.

Com um sorriso Dr. Winnicott ainda finalizou nossa consulta:

- “O meu ponto de vista, o que vocês ensinam só pode ser implantado sobre capacidades que já estão presentes na criança, fundadas em experiências da primeira infância e na continuidade de um segurar confiável, no sentido de um círculo familiar, escolar e social cada vez mais amplo.” (WINNICOTT, 2021, pg. 176)

Nossa manhã foi absolutamente tranquila, desde que realizamos a adaptação dos passarinhos na escola consigo perceber que o momento em que eles vão para a escola é, um momento importante para mim e para eles, demarca que nossos corpos já não são um só. Agora eu entendia o que é esse abandonar sem abandonar, que é a entrada na escola.

Neste dia compreendi que meus passarinhos estão prontos para voar.

Neste dia eu descobri que eu também preciso estar pronta para que eles  
voem.



**PROFESSORA**

*Eu não disse isso e não pensei isso também.*

*Caroline Carvalho*

Minha primeira entrevista de emprego foi marcada pelo som de bebês chorando a plenos pulmões. Eu ainda não sabia exatamente por que estava aqui, eu disse para minha mãe, na manhã seguinte, que precisava encontrar um trabalho, e no dia seguinte aqui estou. Minha mãe, como professora que é, conhecer todas as escolas da cidade, e é conhecida por praticamente todas as escolas da cidade, aliás, ela é considerada uma professora como poucas, ela tem uma qualidade, olha para os alunos nunca esquecendo seu contexto, ela diz sempre que não é professora somente, é educadora também.

A facilidade em conseguir a entrevista se deve é claro, ao fato de que minha mãe foi professora das filhas da proprietária da escola, que tem um respeito profundo pela minha mãe, entendi que conseguiria o emprego, a escola precisava de uma ajudante de berçário, Dona Edite tinha uma filha para começar a trabalhar, a ocasião perfeita se apresentou.

Algumas perguntas depois aqui estamos, conhecendo o espaço da escola, pequeno, mas convidativo, uma casa adaptada as necessidades de atender tantas crianças em idade de educação infantil. A escola começou como creche domiciliar, a proprietária foi compreendendo que poderia ampliar, e assim fez, mais uma ocasião bem estabelecida por sinal.

Vamos ao encontro de uma sala em específico e ela me avisa que vou ficar na melhor sala da escola, o berçário, com a professora mais solicitada também, Tia Rute, ela a chamou. Quando a porta é aberta vejo bebês,

chorando, e uma professora, que presumo ser a Tia Rute, perdida em meio ao caos do espaço, ela é uma só, eles são vários. A diretora me demonstra como minha presença será importante a partir do dia seguinte.

Acordei logo cedo, 6:00, iniciaria sempre as 7:00, como a escola não fica longe da minha casa poderei seguir caminhando diariamente. Tia Rute me recomendou vestir tênis e roupas confortáveis, segundo ela vou iniciar exatamente na fase de adaptação, o que exige mais de nosso corpo e paciência.

Entro na sala para me tomar a Tia Carol, e o que vejo?

Bebês, de vários tamanhos, mas sobretudo muito pequeninos, chorando em sua grande maioria, enquanto alguns poucos engatinham pelo espaço ou se deitam tranquilos em bebês conforto. Um misto de choro em excesso e passividade, não demorou para que eu compreendesse que esse seria meu ambiente de trabalho.

Aos 16 anos eu definitivamente ainda não sou mãe, e não tive sequer uma vivência aproximada com um bebê no dia a dia, estar naquele espaço iria requerer muito estudo e conversas com a Tia Rute, mas nesse momento ela me chama avisando:

- Pega o Mateus por favor, ele só vai parar de chorar no colo.

Tia Rute aponta para o Mateus, então eu o reconheço pela primeira vez, vou ao encontro do Mateus que chora a plenos pulmões, ele me olha sem saber quem sou, o que é natural, e sem muito saber o que fazer eu desço meu corpo e o recolho do chão, e como em um impulso eu começo a me movimentar lentamente com ele no colo, como se estivéssemos dançando. Eu digo a ele que sou a Tia Carol, e que ele não precisa mais chorar. Aos poucos o Mateus se acalma, percebendo minha voz e me conhecendo como cuidadora

neste espaço. Não consigo terminar nosso primeiro contato, pois logo que Tia Rute percebe que Mateus cessou o choro ela me pede:

- Pega a Melissa por favor, ela está chorando muito.

Coloco Mateus no berço sentado, e me direciono para Melissa, que chora um choro sentido, visivelmente ela sente falta de seus familiares percebo. Ela se estabelece no meu colo, mas não tem a rapidez do Mateus para parar de chorar, olho para a Tia Rute com um ponto de interrogação na minha face e ela me diz:

- Melissa chegou ontem, ela ainda está sofrendo muito com a separação, mas com o tempo ela vai se acostumar.

Procurei dizer a ela palavras de conforto, me apresentando e buscando mostrar a ela o espaço, eu ainda não identificava o nome de todos os bebês, mesmo que a Tia Rute tenha me dito cada um deles logo que cheguei. A comida chegou, e por um momento pensei que possivelmente com a comida Melissa pararia de chorar, mas não foi o que aconteceu. Ela estava mesmo magoada, e possivelmente se sentindo abandonada. Porém, assim que me sentei, e me posicionei para servir um dos bebês, ela no meu colo, sentada, trouxe seus braços macios para o meu pescoço e se segurou com força, demonstrando que ela se manteria ali mesmo. Não tirei Melissa do meu colo, aliás, ela não saiu do meu colo ao longo de todo o dia.

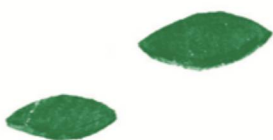
Em um momento os bebês começaram a dormir, o choro foi se transformando em sono, possivelmente estavam cansados, de tanto chorar. Cansados ou não o silêncio se fez, e pudemos respirar por um momento. O que não durou muito, tendo em vista que a média de sono deles ao longo do dia era em intervalos, logo eles despertavam e recomeçava a sinfonia.

Seguimos assim, preciso dizer, pelos próximos dois meses, um longo e tenebroso período de adaptação, o mesmo que ocorre todos os anos, como me explicou Tia Rute, essa era minha primeira temporada. Ela foi me narrando os muitos bebês que já passaram pela sua vida, e acredito que um dos momentos mais bonitos do dia foi ver o seu sorriso largo ao falar dos bebês. Percebi que tudo o que precisaria para conseguir me manter aqui seria a Tia Rute quem iria me ensinar.

Ao final do dia sinto meu corpo, inclusive partes dele desconhecidas até então. Absolutamente tudo dói, inclusive o ouvido. Apesar do cansaço extremo o dia tinha sido bom, descobri nos bebês, apesar do choro, um lugar de conforto e acolhimento, havíamos nos encontrado e não era por acaso.

Neste dia descobri que me tornei professora.

Neste dia descobri que seria professora da primeira infância.



Olho ao redor e percebo que o espaço está organizado. Então organizo para a segurança uma última caixa, e miro todo o espaço. De fato, está tudo pronto, caminho até o celular e percebo que em poucos minutos os meus pequeninos entrarão no espaço.

Começo a ouvir os ruídos, das professoras, e de cada um dos meus bebês que se aproxima. Nossas aulas são sempre nesta sala, ambientada, o que constitui um espaço diferente e sempre preparado para nosso encontro. Eles costumam entrar e já se sabem exatamente onde precisam ficar, recebo eles sempre na entrada, mas não precisa de muito pois em nossa segunda aula eles já entenderam, pela disposição do espaço.

Na chegada procuro não falar muito alto, e quase sempre me comunico com sorrisos, não é preciso muito, nos comunicamos pelo olhar, e eu acredito que essa seja nossa melhor forma.

Vou até o centro do espaço e começo a narrar uma história, alguns elementos vão se aproximando comigo, eles seguem atentos, vez ou outra percebo um olhar fugidio, que mira o espaço, mas retorna em seguida em busca do som que produzo. Faço muitos usos para os sons, fui descobrindo nesse exercício quais os sons que mais os aproximam.

A história tem contexto em cada objeto ou elemento no espaço, deixo no espaço somente o que vou utilizar, e conforme os sons, movimentos e usos eles vão percebendo como estou utilizando os elementos, pelo menos é a sensação que tenho através dos olhos que me acompanham.

Conforme avanço na história avanço no espaço, vou tomando aproximação deles, que começam a perceber que esse é nosso convite, um convite para estarmos juntos nessa história, neste momento convido eles a

participarem dessa narrativa, eles percebem, eles começam a vir ao meu encontro e ao encontro do que podemos fazer juntos.

Fui descobrindo com os bebês de 4 meses a 12 meses que a maneira de os aproximar de uma aula de teatro é convidando-os a estarem comigo na narrativa, pois desta forma os faço participantes. Esse foi um jogo que fui propondo lentamente até descobrir o tom.

A cada encontro eles me surpreendem, e quase sempre cada bebê se aproxima dos objetos e elementos e constroem uma relação, como se esse fosse um objeto extensional ao seu corpo, como se eles fossem um encontro.

Nesse exato momento, quando estou com eles, vou me perdendo no que estamos fazendo, mesmo que fiquemos de 20 a 30 minutos nesse jogo, ainda assim são minutos preciosos. Nesse exato momento eu me perco neles, e eles se perdem comigo. Fico me indagando se isso seria o fazer teatro com bebês, aproximar eles dessa linguagem, e por sorte tenho com suporte os livros, a literatura cria essa ponte, entre a narrativa e a cena, entre a cena e cada um deles.

Olhei para os bebês, quando já terminada a narrativa, eles estavam se movimentando pelo espaço, cada um deles com sua escolha de objeto, cada elemento escolhido os acompanhava, e essa era para mim a maneira deles se construírem na cena, como cada um deles assumia um personagem na narrativa construída.

Conscientemente como professora de teatro entendia essa experiência como uma aproximação, os princípios básicos da aula de teatro, que constituem o jogo, a compreensão do uso do espaço, o texto, o improviso, não estão caracterizados como habitualmente o concebemos, mas está

presente de outras maneiras, ou possivelmente da maneira como os bebês conseguem me dar.

Uma coisa é fato, os bebês se jogam para a relação, sobretudo com os objetos, neste dia aqui, que narro nesta memória eu ainda não conhecia o Dr. Winnicott, pediatra dos passarinhos, por isso mesmo ainda não conseguia entender as camadas da relação dos bebês com os objetos, muito mais tarde descobri sobre os objetos transicionais.

Dr. Winnicott disse um dia que deveríamos oportunizar aos passarinhos a escolha de objetos transicionais, não pude compreender prontamente, falávamos sobre a construção da relação deles com o mundo para além de mim e do pai. Ele então me disse:

- “(...) exploro bastante o conceito de objeto transicional, algo que a criança tenha acabado de pegar: pode ser um pedaço de tecido que já fez parte do véu que cobria o berço, um cobertor, ou ainda uma fita de cabelo da mãe. Esse primeiro símbolo representa a confiança na união do bebê e da mãe baseada na experiência de confiabilidade e capacidade dessa mãe de saber do que o bebê precisa por meio da identificação que estabeleceu com ele. eu disse que o objeto foi criado pelo bebê; sabemos que jamais vamos contestar isso, ainda que também saibamos que ele estava lá antes de o bebê tê-lo criado.” (WINNICOTT, 2021, pg. 57)

Para o Dr. Winnicott o bebê se usa desses objetos transicionais para construir um sentido para além da mãe, assim como um sentido para além de si, ele cria o objeto como sendo criado por ele, mas exterior a ele, deixando sua dependência à família e compreendendo que existem coisas que não fazem parte dela. (WINNICOTT, 2019, pg. 35)

É a partir desse objeto transicional e na relação com ele que o bebê começa a ser inserido na cultura, oportunizando ao bebê constituir interesses culturais, Dr. Winnicott me disse:

- “Os objetos transicionais, assim como os fenômenos transicionais, fazem parte do domínio da ilusão, que é a base do começo da experiência. (...) A área intermediária da experiência não é contestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada) e representa a maior parte da experiência do bebê. Ao longo da vida, essa área será mantida nas experiências intensas ligadas à arte, à religião, à vida imaginativa e ao trabalho científico criativo.”  
(WINNICOTT, 2019, pg. 34)

Fui compreendendo que o Dr. Winnicott me apresentava o que viria a ser a experiência cultural para o bebê, que estará contida ainda na sua educação estética. Volto neste momento aos bebês que experimentavam comigo o fazer teatral.

Na medida em que os bebês foram adentrando o espaço foram escolhendo quais os objetos e elementos usados eles fariam uso, fui

percebendo que recorrentemente eles se voltavam aos mesmos objetos, eles estavam reconhecendo estes objetos, e ao se voltar ao uso do mesmo objeto ou elemento eles se sentem seguros, constituindo-se entre o “subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido.” (WINNICOTT, 2019, pg. 16)

Olhava os bebês e percebia que algo os atravessa, eles reproduzem o que acabei de fazer na mesma medida em que se mantém em um diálogo com o objeto, entre o objeto transicional em direção à experiência, e, portanto, à sua educação estética.

Neste dia eu olhei para os bebês como produtores de sentido  
sensível.

Neste dia eu acreditava na potência de uma educação estética para  
o bebê.



**ATRIZ**

*Eu não disse isso e não pensei isso também.*

*Caroline Carvalho*

Naquele dia chegamos na escola e havia uma sensação diferente no espaço, não sabia ainda exatamente o que estava por vir. Uma semana atrás recebemos um bilhete, nele estava escrito que a escola receberia um espetáculo de teatro, especificava os valores a pagar, data e horário. Desde o dia em que recebemos o bilhete comecei a esperar.

Naquele dia, uma semana depois do bilhete, a ansiedade estava ainda mais latente em mim. Fiquei me perguntando o que assistiríamos, quais as cenas, os figurinos, quem seriam os personagens. Essa seria a primeira vez em que a escola recebia um espetáculo de teatro, era a primeira vez que eu assistiria a um espetáculo.

Na escola já estavam preparando, curiosos nos colocamos próximo ao que estava sendo preparado, o pátio da escola recebia novos contornos, muitos elementos, cores, e até uma cortina. Tudo o que envolvia o espetáculo parecia muito bonito, majestoso, bem construído. Ali bem próximo os atores se preparavam, dois homens e uma mulher. Começaram a se maquiar enquanto nossos olhos atentos observavam.

As crianças estavam todas as voltas do que viria a acontecer, algumas se aproximavam e questionavam, fomos recepcionados com sorrisos, cumprimentos. Cumprimentos que cessaram assim que o sino tocou nos avisando que era hora de pararmos de observar para iniciar a aula.

Daquele momento até o momento em que começaríamos a assistir ao espetáculo já me coloquei ansiosa. Foram poucas as informações que conseguimos coletar naquele início de aula, antes do sino nos forçar a abandonar o espetáculo que era a preparação para a cena. A cena estava preparada, o que viria a seguir era muito melhor do que tudo o que já tinha assistido antes.

A professora nos pediu que nos organizássemos em fila, estava na hora do espetáculo. Ela recolheu os valores para pagar o ingresso. E fomos em fila para o espaço em que cenário estava montado, e a cortina escondia o que estava para começar. Sentamo-nos, em meio a um alvoroço grande de todas as crianças, das que chegavam, e das que já estavam. Essa era uma experiência completamente nova para a grande maioria de nós, estávamos diante de um espetáculo de teatro.

Fiquei procurando na memória se já tinha visto antes algo parecido, nosso pai já havia nos levado ao circo, mas não ao teatro. A última vez que fomos ao circo fiquei curiosa com o palhaço, que já nos recepcionava no estacionamento. Assim que descemos do carro ele brincou comigo e com um brinquedo engenhoso em que um palhaço saía de um cone. Fiquei encantada, ele brincou comigo, e aquele parecia um brinquedo ótimo para se ter em casa. Pedi ao meu pai que comprou, não sem antes protestar a abordagem do palhaço que forçosamente veio me entregar o brinquedo, não deixando espaço para negociação.

Este dia, porém, era muito diferente, não tinha a lona, não havia o palhaço, não havia malabares, a cortina se abriu e havia dois atores e uma atriz, eles se apresentaram como Carona para o irmão sol e a irmã lua, nome dado ao grupo, compreendi.

No palco da escola nos foi apresentada uma história com uma bruxa, uma rainha, irmão sol e irmã lua eram personagens também. Naquele palco rimos com as cenas apresentadas, e silenciámos para entender o enredo que estava sendo apresentado. Suspirámos com a necessidade de uma resolução para o conflito, e ficámos impressionados com a intensidade daquela gargalhada de bruxa. Todo aquele contexto teatral nos envolvia, não havia nada além da cena, dos personagens e de nós, o público.

Finalizado o espetáculo nos sobram as palmas, que não paravam, pois era tamanha a emoção de cada um de nós, que ficámos por um longo e proveitoso tempo nas palmas, seria nossa maneira de agradecer, mas também nossa maneira de se deixar compreender que aquela atmosfera teatral nos levou, e não éramos mais capazes de sair dali da mesma maneira que chegámos.

Voltamos para a sala de aula, na mesma fila em que viemos. Algo em mim ainda estava em suspenso, somente assistir me parecia pouco, eu precisava encontrar uma maneira de reverberar para além do que tinha acabado de ver, o espetáculo não podia acabar ali, eu precisava que alguma coisa do que acabava de ver continuasse comigo. Foi então que tive a ideia:

- Professor, posso ir até lá pedir um autógrafo? Interroguei o professor.

- Acho que pode sim. Respondeu o professor Bakhtin com incerteza na sua voz.

Minha pergunta deu o início a uma legião de crianças carregando suas agendas e canetas, ansiosas por um autógrafo. Para a nossa sorte os atores e a atriz prontamente nos atenderam. Foram então três autógrafos na primeira

capa de minha agenda, local privilegiado, espaçoso e perfeito para guardar o espetáculo comigo para sempre. Voltei para a sala muito feliz, o espetáculo tinha acabado, os artistas iriam embora, mas uma parte deles permaneceria comigo.

No retorno para a sala o professor nos aguardava, demoramos afinal aproveitamos para um pouco mais de contemplação, questionando os atores e a atriz sobre o seu trabalho, pois a curiosidade era presente.

O professor nos pergunta sobre o espetáculo que acabamos de assistir, e vamos tecendo alguns comentários, foi então que surgiu o questionamento:

- Professor, o que foi que os atores e a atriz queriam dizer para a gente com essa peça?

Ele então nos situa:

- “(...) toda obra literária é *dirigida para fora de si*, para o leitor ouvinte e, em certa medida antecipa suas reações.” (BAKHTIN, pg. 361)

Naquele momento o professor iniciou junto de nós uma conversa sobre o tempo no espetáculo teatral e, portanto, o tempo e espaço na arte, que ele nomeou de cronotopo. Ele nos disse:

Em arte e literatura, todas as definições espaço-temporais são inseparáveis umas das outras e são sempre tingidas de um matiz emocional. É evidente que uma reflexão abstrata pode interpretar o tempo e o espaço separadamente e afastar-se do seu momento de valor emocional. Mas a

contemplação artística viva (ela é, naturalmente, também interpretada por completo, mas não abstrata) não divide nada e não se afasta de nada. Ela abarca o cronotopo em toda a sua integridade e plenitude. A arte e a literatura estão impregnados por valores cronotópicos de diversos graus e dimensões. Cada momento, cada elemento destacado de uma obra de arte são estes valores.” (BAKHTIN, 2002, pg.349)

Conseguimos compreender que o professor estava nos situando sobre o cronotopo quanto elemento que constitui a relação entre o mundo real e o mundo representado, entrelaçando o que vemos no mundo real com o que constituímos no mundo do imaginário quando nos é permitido inscrever diálogos com o teatro.

Todos nós ficamos curiosos com as palavras do professor, que nos atravessaram, então levantei minha mão e assim que chamada o questioneei:

- Professor, entendemos que há um cronotopo, como você disse, um espaço-temporal, entre quem assiste e o que é apresentado, mas como aparecem esses cronotopos?

O professor então nos situou que esses cronotopos, o do autor e do ouvinte-leitor, como ele os chamou, aparecem na “existência material exterior da obra” e em uma composição externa. Que o material da obra é falante, portanto, não está inerte, podemos não o ver, mas o ouvimos. Há aí um mundo representado por meio da obra. Para o professor Bakhtin:

“(…) podemos chamar esse mundo de *criador* do texto: pois todos os seus elementos – a realidade refletida no texto, os autores que

o criam, os intérpretes (se eles existem), e, finalmente, os ouvintes-leitores que o reconstituem e, nessa reconstituição o renovam – participam em partes iguais da criação do mundo representado. Dos cronotopo reais desse mundo representado, originam-se os cronotopo refletidos e *criados* do mundo representado na obra (no texto).” (BAKHTIN, 2002, pg. 358)

Esta explanação do professor me fez perceber que o espetáculo de teatro estava de alguma forma sendo reconstruído a partir de como cada um de nós, como se pudéssemos ser criadores do espetáculo juntamente com os atores e atriz.

Houve ainda um momento em que o professor Bakhtin trouxe à tona a cultura, que é também fator determinante da maneira como criamos o que estamos vendo, entendi que o espetáculo estará sempre se renovando, a cada público que o assiste. No dia de hoje, para minha sorte, fomos nós.

Chegando em casa não me contive e precisei contar como foi o espetáculo, visivelmente a experiência havia me atravessado. Conteí em detalhes tudo o que tinha assistido, minha mãe e irmãs ouviram atentas. Conteí a elas como o professor Bakhtin havia contextualizado para nós nossa participação naquela representação, fomos também criadores. Ao final do meu caloroso relato disse convicta:

- Quando crescer é exatamente isso que quero fazer.

Neste dia eu descobri a potência do teatro.

Neste dia eu descobri que o teatro faria parte do que sou.



5:00 o despertador faz seu som.

5:00 minha mãe me chama.

5:00 ignoro o som do despertador.

5:10 minha mãe rompe no quarto e me avisa que já são 7:00, e estou atrasada.

Pulo da cama com uma velocidade nunca vista antes, toda a vontade de ficar na cama que me acompanhava até aquele momento se desfaz na necessidade de não perder o ônibus.

5:30 chego na cozinha de móveis azuis da casa dos meus pais, certa de que são 7:10, mas me deparo com o relógio da parede anunciando que são 5:30. O mesmo de todos os dias. Percebendo, portanto, que não estou atrasada me sento com calma para o café.

Naquele dia o meu café da manhã preferido se coloca a mesa, café com leite não quente, pão aquecido no vapor, margarina, shimmia de ovo. Minha mãe sabe exatamente como nos acordar muito bem, apesar da simplicidade presente em nossa casa ela nunca nos deixa sem alimento, que quase sempre vem aquecido também com muito amor.

Levei muitos anos para descobrir que o pão aquecido com vapor era na realidade o pão do dia seguinte que o padeiro guardava para a minha mãe, desta maneira o pão se tornava mais barato, e quando ela percebia que estava endurecido, a maneira de o amolecer era sempre pegando uma panela de bordas altas, com água no fundo, uma cama de garfos para o pão não acessar a água diretamente, aquecer no fogo, e o vapor faz o restante do trabalho. Eu não sabia que essa era nossa única opção, em toda a minha infância e

juventude entendi que esse era um carinho de nossa mãe nos nossos cafés da manhã. Descobri somente adulta, mas tive ainda a possibilidade de agradecer por tanto.

Finalizado o café da manhã preparo o material, termino de me arrumar, espio uma última vez o espelho, e desço a rua para pegar o ônibus.

6:30 embarco no ônibus, encontro já minhas amigas e vamos o caminho conversando, rindo e fazendo do fundo do ônibus nossa casa.

7:30 inicia a primeira aula, nosso professor, Bakhtin, nos sugere uma representação teatral das passagens históricas que estamos estudando. Nosso grupo recebe o desafio de representar a passagem do Cavalo de Tróia. Quando nos separamos em grupo foi uma diversão as discussões sobre as melhores maneiras de construir cena com o que nos foi apresentado.

Naturalmente que acessei minha infância, e sem perceber estava organizando o que iríamos apresentar, rapidamente já estruturava falas, e construía desenhos possíveis para as cenas. Meus colegas aproveitaram, afinal, se alguém está interessado em fazer todo o trabalho, porque afinal iriam se preocupar.

Professor Bakhtin por diversas vezes veio ao encontro de nosso grupo, e fez observações importantes sobre o que poderíamos incluir, ele me questionou sobre meu interesse para o teatro, e comentei que me interesse muito por teatro.

Ele então me pergunta:

- Você sabia que aqui na universidade há um grupo de teatro?

Fiquei impressionada e interessada nesta informação:

- Não professor, observei, não sabia não. Será que posso participar?

Professor Bakhtin prontamente se coloca a disposição para buscar mais informações, o que me deixou muito ansiosa, a possibilidade de participar de um grupo de teatro me interessava.

Sempre estive as voltas do teatro, quando muito pequena organizava na rua, entre as crianças, encenações despreziosas, mas muito bem estruturadas para a nossa idade e nenhuma experiência. Caso o local fosse a casa de bonecas, logo o cenário se transformava na casa da Bruxa. Por algum motivo a casa da Bruxa e as encenações que envolvessem esta personagem eram muito interessantes para todos nós. Houve muitas encenações em que chamávamos nossos familiares para assistir, cobrávamos ingresso, e o entorno da casa de bonecas se transformava em nosso palco.

A possibilidade de voltar a brincar com a cena e com a vida de outros personagens me interessava.

11:00 e ainda faltavam trinta minutos para o término de nossa aula quando o professor Bakhtin rompe na porta e solicita conversar comigo:

- O Grupo Teatral Phoenix é aberto a comunidade sim, você poderá participar, sugiro que fique amanhã a tarde para poder participar.

Suas palavras me deixaram em estado de felicidade, só pude agradecer e assegurar ao professor que no dia seguinte estaria ali.

11:30 a aula finaliza, o caminho de volta será atribulado como sempre, no fundo do ônibus, a agitação daquela manhã de aula, as muitas conversas que ainda estavam por continuar. Mas esse retorno não é como os

outros, ao buscar a informação sobre o grupo de teatro, o professor me ajudou a olhar para o meu futuro.

Neste dia eu descobri meu lugar teatral no mundo.

Neste dia eu me descobri no teatro



O primeiro dia de uma nova jornada é sempre o primeiro, em tudo. E eu já havia passado por muitas jornadas para chegar até aqui, mas essa, essa começava como a maior de todas.

Sai do pensionato para o tubo, peguei um ligeirinho, e no percurso fui observando o tamanho dessa cidade, e fui percebendo quantos deslocamentos fazem as pessoas que vivem em uma cidade de um tamanho tão grande.

Chegando na universidade fui me situando, gosto de observar os encontros, nesse momento eu ainda não tinha um encontro me esperando, possivelmente ainda descobriria meus encontros neste lugar. Foi então que me perdi observando os encontros, estudantes que estavam alguns meses sem se encontrar e que traziam um mundo compartilhar. Os sorrisos. Os abraços. As conversas. As mãos que se cruzam. Os corpos que dialogam. Os olhos que expressam. Os silêncios também presentes. Eu gosto de observar os encontros.

Já tendo compreendido a dinâmica de onde seria a aula, aguardei alguns minutos mais e me desloquei para o bloco e sala a que descobriria os meus encontros possíveis. Lá chegando já havia alguns colegas aguardando na sala. Para a minha surpresa, estavam já com roupas confortáveis, prevendo que a aula seria de prática teatral, e que já começaríamos nos movimentando. E de fato assim o foi, o professor Bakhtin entrou, novamente nos encontramos pensei, e fiquei feliz em ver um rosto familiar.

Nossa aula de reconhecimento já foi um misto de corpos em movimento, prevendo o que seriam os anos nossos de percurso na universidade. Imaginava quando escolhi o curso que seria assim, e por isso mesmo estava feliz e tranquila com minha escolha.

Os meus encontros começaram a se estabelecer exatamente neste dia, Betina, mulher madura e experiente, foi a primeira a criar proximidade, junto veio também a Linda, nossa idade aproximada, mulher de movimentos leves e desenhados. Fomos estreitando nosso lugar de encontro, de falas aproximadas e de interesses em comum. Elas seriam o meu encontro, o sorriso, o abraço, as mãos...

Este primeiro dia, foi mesmo o primeiro de tudo, descobri sobre ter colegas, mas também descobri sobre como me locomover nesse espaço, tão imenso, desta cidade tão maior. Cheguei aqui me sentindo uma caipira, perdida e curiosa, saio hoje com meus encontros e muitas trocas possíveis. Seria isso a universidade?

Vaguei até o pensionato, o caminho da ida de ligeirinho me mostrou o caminho da volta, e eu queria explorar, por isso mesmo retornei caminhando, para que a grandeza dessa cidade tão grande, entrasse em mim, me fizesse comum. Cheguei cansada, o caminho foi longo, mas necessário. Deitei a cabeça no travesseiro, acomodei-me no espaço da cama e do quarto, dormi.

Foram muitos os dias de caminhada, percurso de ligeirinho, encontros, cidade tão grande vivida, e em alguns momentos cidade tão grande silenciada na necessidade de solitude. Até que um primeiro dia de mais uma nova jornada começa.

Naquele dia o professor Bakhtin chegou em aula e nos fez uma provocação, ele nos disse:

- Que tal se neste semestre nossa montagem for de um espetáculo infantil?

Não tive resposta num primeiro impulso, mas vários dos colegas ficaram interessados. Betina ficou muito feliz, com sua experiência me disse

que espetáculos infantis são bons para nos ensinar o tempo do teatro. Para muitos dos colegas seria um novo desafio, como seria para mim. Foi então que coletivamente aceitamos o desafio.

Fomos em seguida para a biblioteca, o professor nos sugeriu algumas das estantes que continham os textos teatrais, que possivelmente seriam mais interessantes de montagem. Tivemos uma aula prazerosa de leituras, a leitura de textos dramático, como a leitura de outros textos e livros sempre foi meu maior interesse, consigo me perder por horas em leituras.

No período da escola a biblioteca sempre foi meu refúgio, nos intervalos era ali que eu me encontrava, retirava um livro por dia, e naquela tarde mesmo já finalizava a leitura. O professor Sérgio, bibliotecário sempre tinha uma sugestão de leitura, e sua frase mais conhecida era: “se for matar aula lembra que a biblioteca tem um cantinho para você se esconder.” Não sei até hoje como a direção da escola lidava com essa frase, mas ele a repetia sempre, e de fato, alguns leitores foram iniciados matando aula, mas habitando a biblioteca. A biblioteca da escola que habitei sempre estará em mim. Quando o professor Bakhtin nos levou para uma imersão na biblioteca estava no meu lugar de conforto.

Naquele mesmo dia decidimos o texto, sugestão de Betina, que experiente nos apontou um texto de dois dramaturgos curitibanos, Enéas Lour e Fátima Ortiz, nossa montagem seria de “Ari Areia, um grãozinho apaixonado”. Deixamos sua leitura para a próxima aula.

Foram difíceis os dias seguintes, minha vontade em descobrir o texto e iniciarmos a montagem era tanta que tomava conta de mim. E no dia mesmo da descoberta lá estávamos, e da leitura vieram as descobertas dos personagens. Logo me identifiquei com o Sapo, personagem que fará a

conversa entre Ari Areira o grãozinho do mar, com a Estrela do céu. Em seguida a leitura e com a identificação os personagens começamos neste mesmo dia a brincar com as cenas. Foi mesmo uma diversão sem tamanho.

Dos ensaios para o chão a escola e apresentações foi um caminho de muitas produções, e de muitos aprendizados. O primeiro dia de uma nova jornada é sempre o primeiro, não foi diferente com o espetáculo infantil. E que bom encontro esse, posso dizer seguramente.

Começamos as apresentações e daquele dia em diante nunca mais tirei meus pés do chão do teatro infantil.

Neste dia eu descobri o meu modo de fazer teatro.

Neste dia eu descobri uma paixão: teatro para as infâncias.



Era exatamente 13:30, o horário que descobrimos que os bebês estariam todos acordados, já teriam se alimentado com frutas, e poderíamos começar nossa pesquisa junto deles.

Tecidos, papel branco ocupando nossa área de diálogo, guache, giz de cera, água, e nossos corpos. Precisamente nossos corpos foram os primeiros a serem reconhecidos, estávamos ali, eles estavam ali. Eles adentraram a área, que agora não era mais somente minha e da Thaís, passou a ser nossa.

Num primeiro momento nos olhamos, um longo tempo nos olhando, não havia sons, todo o modo adulto de iniciar um diálogo não se fazia presente, e sequer era necessário. Então começamos a nos mover em relação aos elementos, iniciados por sons, sobretudo os sons do nosso corpo na fricção com o papel ali disposto, o papel, nossas mãos, o papel, nossos pés. Eles sorrindo, e como quem descobre algo nunca visto, eles procuram nos imitar.

Então os primeiros sons, fuá, ufffff, uuuu, aaaaaa, sons que nos remetiam ao vento, e que prontamente os levou ao mesmo lugar, a presença do vento passou a ser sentida, ouvida, olhada. Eles nos olhavam, repetiam nossos sons, compreendiam nossos gestos, nós ventávamos juntos, e essa era a maior descoberta de nosso encontro, podíamos ser um só elemento.

Aquele vento nos levou a dançar, os tecidos nos levaram a ventar, os sons nos levaram a partilhar: uma dança, uma ventania, uma caminhada, uma levada...

Começamos em um movimento de repetição, nossa para eles, mas em um determinado momento os tecidos tomaram forma de brincar, e quando nos percebemos fomos levados por um constante: cadê... achou... cadê... achou... cadê... achou... e a confirmação de uma brincadeira que foi se

instaurando em nossos corpos, nos nossos rostos, pois foi exatamente aí que os sorrisos, leves, começaram a nos convidar também para ventar. Ventamos em cadê, achou e sorrisos.

Alguns olhares se aproximavam, outros olhares se distraíam, alguns olhares não se situavam, e foi precisamente esses olhares que comecei a me ater, fui me aproximando, primeiro um som de mãos no contato com o papel, depois um cadê, achou, precedido de um se deitar no chão ao se esconder entre dedos. Eu fui levada, não sei se eu o repetia, ou se ele repetia a mim, nós dois nos repetíamos, nos olhávamos entre dedos, com nossas cabeças próximas do chão, quando nos olhávamos um sorriso determinava nosso encontro, não houve nenhuma palavra, ela não era necessária, nós sabíamos por que nos encontramos naquele exato momento: para reconhecer um modo de fazer teatro.

No relato acima alguns recortes de nosso primeiro encontro de pesquisa com os bebês, no levantamento de materiais para compor o espetáculo que aproxime os livros *Vento e Chuva* dos bebês. Um espetáculo para bebês. No relato a descrição de alguns dos momentos que estão marcados no meu corpo, e que nos mostraram para onde o olhar dos bebês olhava, o que os aguçava, porque eles se aproximavam e para que. Possivelmente é no encontro com eles que descobrimos que para ventar e chover nós só precisamos acreditar.

Neste dia eu percebi que o teatro para bebês é o encontro com o poético.

Neste dia eu tive certeza da potência do teatro para, e com, bebês.



Um silêncio, é sempre precedido do som. Uma descoberta, é sempre precedida do inimaginado. Foi exatamente o que pensei logo que finalizamos nossa experiência com os bebês.

Nós adentramos o espaço deles, a sala, o local seguro, o espaço de conforto, nós entramos para desconfortar, mas também para convidar para o inimaginado, ou para o imaginário, por que não. Adentramos o espaço, e optamos por não usar o som, usamos o olhar, o sorriso, decidimos nos comunicar sobretudo pelo olhar.

Colocamos no espaço todos os nossos apetrechos, o papel, sobretudo, nesse primeiro momento. Então começamos a produzir som, no papel, eles nos olhavam, e podiam compreender o convite, sem palavra alguma três dos bebês que ali estavam vieram produzir som, junto de nós. Abrimos o papel, ele começou a tomar dimensão, e então veio o som, VENTO... foi o que Thaís disse, e eu respondi com um longo, fuuuuuu, fuuuuu, fuuuuuu...

Thaís então percebeu a dimensão do papel e de pé começou a movimentar esse vento, que se tornava ventania, aumentei então o som, VUUUUUU, VUUUUUU... um dos bebês então começa a chorar. Nesse exato momento Thaís cessa o vento, eu paro o som, ele então também para de chorar. Voltamos àquela intensa ventania, VUUUUU, VUUUUU, ele volta a chorar, e nós paramos. Seguimos produzindo uma ventania, um choro e um cessar. E a cada momento em que cessávamos, o choro se transformava em sorriso. Eu compreendia, Thaís compreendia, ele compreendia, todos nos observavam.

Nesse momento Suelen nos joga tecidos, fluidos, dos quais conseguimos nos ver além das tramas. Transformamos aqueles tecidos em um vento leve que pousava sobre nós, os tecidos começaram a dançar, então percebemos que não somente os tecidos dançavam, mas quatro bebês se

juntaram a essa dança, entre pegar o tecido, jogar ele ao vento, ventar com os sons, falei em tom preciso: VENTO, nesse momento Thaís responde: Oi?

Os bebês olham a presença do vento nos tecidos, na dança, na Thaís, naquele momento instauramos a presença do vento personificado na atriz que jogava com o som. Não precisamos mais, quando nomeava: VENTO, os bebês olhavam para Thaís, quando o tecido era suspenso sobre nossas cabeças, Thaís mantinha o tecido em movimento, determinando a presença do vento.

Nos perdemos no vento, algumas frases começaram a surgir, eu disse: O vento venta de leve, Thaís ventava de leve então. Em seguida: O vento não se deixa pegar, Thaís não se deixava pegar. Nossos olhares cruzavam os olhares dos bebês que se mantinham na presença do ato, porque foi mesmo o que senti naquele momento, a presença do ato, porque a cada gesto, a cada som, tínhamos a cumplicidade dos olhos dos bebês, o som participante dos bebês. Os nossos sons, se perdiam nos sons também produzidos pelos bebês, a cada VUUUU, um VUUUU dos bebês, a cada VENTO, um VENTO dos bebês. A cada movimento, um movimento performativo dos bebês. O bebê esse performer.<sup>2</sup>

Já muito em seguida percebemos a presença da tinta azul, que Suelen acabava de nos dispor. Nossos dedos então buscaram o azul, olharam o azul, e começaram a chover. Thaís começou com um declarado e surpresa: CHUVA! Foi então que uma chuvarada tomou conta do espaço, eles mostravam: aqui, aqui, aqui. E em cada aqui, um pingo de chuva. Eles choviam junto de nós, nós chovíamos em gotas de tinta azul, que se colocavam sobre o papel, mas que não era somente tinta e papel, era a presença do ato,

---

<sup>2</sup> “A performance é ato de presença no mundo e em si mesma. Nela o mundo está presente.” (ZUMTHOR, 2007, pg. 67)

do ato de chover. Os dedos pequenos, as mãos pequeninas dos bebês começaram a se juntar a tinta, eles então acariciavam a chuva, e quando assim o faziam, choviam junto de nós.

Mas a chuva que estava só começando se fez em água, uma garrafa, com água, começou a chover no espaço, primeiro em minhas mãos, a cada gota sentida, Thaís afirmava: gelada! Então nos colocamos em uma brincadeira de sentir a chuva que molha, sentir a gota gelada, e perceber sua temperatura, nossos corpos sentidos não só percebiam a presença da chuva, como nomeavam a presença da chuva, como sentiam no corpo a presença de cada gota gelada. Nossos corpos produziam um sentido, e a cada som: chuva, uma gota: gelada, um corpo que tremia e sentia. Não demorou a percebermos que não somente nossos corpos sentiam, mas dos bebês ali, quando compreendemos então que havia cinco bebês que nos repetiam, palavra, gesto, som, corpo. Sentíamos juntos, estávamos todos nessa chuvarada.

Nesse momento me aproximei de Thaís, e nossos corpos se fundiram, a chuva aumentou, andamos pelo espaço, fundidas, produzindo uma chuva, que estava na água, e nos sons, vieram então as palavras: a chuva quer brincar. Corre para dentro da chuva. Dança com a chuva. Pulando e rodopiando na chuva. O beijo da chuva gelada. Nós nos perdemos nos olhares dos bebês que nos acompanhavam dançando, rodopiando e brincando na chuva gelada.

Foi precisamente nesse momento que percebemos que o ciclo estava fechado, ventamos com eles, chovemos com eles, era preciso se despedir. Então disse: tchau chuva... e Thaís repetiu: tchau chuva... E eu disse: tchau vento... e Thaís disse: tchau... e foi se retirando da sala... eu a segui... alguns dos bebês nos olhavam com os olhos com lágrimas, alguns esticavam seus braços para nós.

Fora da sala então sentimos que nosso corpo saído de um estado, entrava em outro. Voltamos para nossos corpos e ouvimos a professora dizer: eles não querem que vocês vão embora. Eles estavam na porta, nos olhavam, voltamos para nossos corpos e já então nos despedimos, sentimos que havíamos ali, conseguido alcançar um estado de cumplicidade e participação. Em nenhum momento estávamos sozinhas, eles estavam junto de nós.

Foi assim reverberando que procurei meu orientador para lhe dizer que meu corpo pulsava, eu ainda não sabia nomear o que acabávamos de vivenciar, ele, porém, já o sabia, professor Bakhtin então me afirma que “ser significa comunicar-se pelo diálogo” (BAKHTIN, 2015<sup>a</sup>, p.293), e para melhor me contextualizar este encontro no sentido de uma relação dialógica ele complementa:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2011, p. 348)

Compreendi naquele exato momento que, uma vez que participamos inteiros em cada diálogo que nos é proporcionado, os bebês, participaram de forma intensa e inteiros, o corpo, os atos, a intencionalidade, e sobretudo, sua existência. Compreendi que educar esteticamente é dialógico.



Neste dia vi o bebê como performer junto da cena.

Neste dia delineamos possibilidades do teatro na educação  
estética do bebê.



**ESCRITORA/PESQUISADORA**

*Eu não disse isso e não pensei isso também.*

*Caroline Carvalho*

*“5:00 da madrugada, desperto com o som da porta se fechando, meu sono leve já é uma preparação para o nascimento, foi o que me disse o obstetra, e quase todas as mães que converso repetem o mesmo mantra. Não consigo mais levantar com facilidade, e mesmo dormir em uma posição de quase sentada tudo isso é um convite para ficar acordada. Não é confortável.”*

Chegando no hospital fui preparada para o parto, fui compelida a viver sem tempo para me preparar, fui de uma cidade a outra, fui de um corpo a outro, fui de uma espera a outra, fui de um medo a outro ainda maior.

Na sala fui entendendo toda a equipe montada, vi que seria rápido, que seria certo, que não poderia ter erros. Eles estavam seguros, eu não, eles sim, e lembrei do silêncio do apartamento na madrugada as 5:00, na incerteza dos sons, mas na tranquilidade de os ouvir como espectadora, a anestesia já foi dada, não tem mais volta, os próximos passos definem o que será de uma vida, de duas vidas, ou de quatro.

Eles nasceram!

Bernardo o primeiro a nascer.

Benjamin em seguida.

Eles nasceram!”

Foi exatamente assim que me percebi mãe, que fui levada a cuidar de dois bebês, como fui levada a ser uma artista, atriz, escritora e mãe, numa fração de segundos o título aumento, a responsabilidade aumentou, e meu compromisso com a infância aumentou também.

Do momento em que eles chegaram a meu interesse por teatro para bebês, foi um caminho rápido e de muitas descobertas. Fui convidada a pensar a educação estética dos bebês na mesma medida em que ia descobrindo como formar esteticamente estes dois que habitavam meu compromisso com a maternidade.

Nesta via, já no doutorado o professor Bakhtin volta a me provocar, e sou tentada a compreender como se formam esteticamente os bebês, e como posso tensionar sua educação por meio do teatro e da literatura. Procuro compreender como nos relacionamos com o mundo, pois sei, será esse o ponto de partida para as constituições relacionais dos bebês.

Professor Bakhtin, em nossa primeira orientação me apresenta a noção de relações dialógicas, ele me diz:

“A complexa dialética do interior e do exterior. O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação (?) do horizonte cognoscente com o horizonte do

cognoscível. Os elementos *de expressão* (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro.” (BAKHTIN, 2017, pg. 58)

Compreendi que meu orientador buscava me fazer compreender que precisamos da capacidade de nos conhecer e de exprimir quem somos, mas que não estamos sozinhos no mundo, e que por isso nos constituímos em uma posição no espaço, não sozinhos, mas em relação.

Somos constituídos a partir de nossa expressão individual em relação com a expressão do outro, dos grupos, dos povos, estamos, portanto, em constante relação dialética.

Professor Bakhtin, ainda sobre o tema e buscando refletir sobre o que somos quanto corpo e ser, usou de uma frase de um pesquisador amigo seu e que coaduna com suas perspectivas, Professor Gonçalves, que segundo ele refletiu:

“(…) os seres humanos “têm um senso complexo e firme de si mesmos” e isso inclui suas habilidades de ver o mundo por diferentes perspectivas. Nossos corpos são mais que posições encarnadas concretamente no tempo e no espaço, são organismos autônomos capazes de refletir sobre suas ações em

virtude de como o cérebro processa a informação dos órgãos sensoriais.” (GONÇALVES, 2021, pg.65)

Tal perspectiva ampliou a maneira com que comecei a olhar para a educação estética dos bebês, compreendendo-os como sujeitos que estão já constituídos dialeticamente com o mundo, com os outros e na sua relação com a arte.

Sai deste dia, de nossa orientação, com a sensação de haver descortinado um caminho para fortalecer a importância da educação estética para e com bebês.

Daquela orientação até nosso próximo encontro tive uma memória, que prontamente dividi com meu orientador. Chegando ao nosso encontro trouxe à tona a seguinte memória:

Preciso partilhar o primeiro dia em que levei os passarinhos para assistir a um espetáculo teatral, estava realmente animada em poder narrar esse momento. Mesmo trabalhando com teatro, ainda eram muito novas as produções de espetáculo teatral para os bebês. Portanto, quando vi na programação do Festival Brasileiro de Teatro de Itajaí o espetáculo “Cuco”, que seria apresentado, rapidamente nos organizamos para assistir.

No dia, eu e minha mãe fomos ao Teatro Municipal de Itajaí para a primeira experiência teatral dos passarinhos. Entramos e nos acomodamos, cada um dos dois nos nossos colos, e assim que começou a sonoplastia pude perceber que mesmo aos 8 meses, os olhos dos dois estavam atentos e curiosos. Eles produziam sons, eles olhavam para tudo o que estava sendo apresentado aos seus olhos, e

essa era uma curiosidade desperta, de quem desperta a primeira vez para o fantástico da cena. Algo neles estava se ampliando, talvez o repertório, possivelmente um olhar sensibilizado. Fico em dúvida em quantas camadas eles conseguiam acessar naquele dia. Seria essa a minha inquietação quanto a potência da educação estética desde bebê?

Ao finalizar minha narrativa o professor Bakhtin me olhava sorrindo, possivelmente minha emoção ao narrar essa memória o alcançou. Ele então me disse com segurança:

- Você presenciou, nos seus filhos, o que chamo de excedente de visão. E como você gostaria, se deu na contemplação-ação com o espetáculo teatral.

Fiquei realmente curiosa, ao que o professor me situou que a contemplação-ação “é ativa e eficaz”:

O excedente da visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. (BAKHTIN, 2010, pg. 23)

Fui compreendendo que o professor Bakhtin buscava me explicar que o excedente da visão seria o que consigo ver do outro, e que é justamente também o que o outro consegue ver de mim, e que é possibilitado pela posição que cada sujeito ocupa no mundo, a partir de seu lugar social e cultural. Essa maneira de olhar se constituirá pela singularidade com que olho o outro e com que o outro me olha.

- Os passarinhos estavam em contemplação-ação e por meio de um excedente de visão estavam em relação com o espetáculo, seria isso? Perguntei ao professor Bakhtin.

- De alguma maneira sim, ele me respondeu. Seguindo seu raciocínio ele procurou me mostrar que seria aí que reside um olhar estético e ético para o espetáculo, o que poderia me auxiliar a olhar para a educação estética do bebê, que estou perseguindo, pois segundo ele, “(...) as ações de contemplação, que decorrem do excedente de visão externa e interna do outro indivíduo, também são ações puramente estéticas.” (BAKHTIN, 2010, pg.23)

Saí desta orientação borbulhando contemplação, excedentes de visão e um dedinho de estética, assim como saí curiosa para compreender onde a ética ocupa lugar nesse diálogo.

Neste dia entendi que o teatro para bebês estava em mim.

Neste dia compreendia que o teatro para bebês seria minha forma de  
pesquisar o mundo.



Saí de tal maneira provocada em nossa última orientação que decidi buscar em minhas memórias maternas com os passarinhos os próximos passos para nossos encontros de orientação. Foi então que busquei nos meus cadernos de escrita quais passagens entre maternidade e escrita poética poderiam me ajudar.

Cheguei em nosso encontro com mais uma passagem para contar ao professor Bakhtin, ele já me aguardava, e logo que me posicionei em sua frente disse:

- Gostaria de compartilhar mais uma memória, lembrei do primeiro dia que os passarinhos tomaram banho de chuva.

Professor Bakhtin ficou com uma expressão festiva em seu rosto e me disse que estava animado para me ouvir. Foi então que comecei:

Morávamos em apartamento, os dois estavam com dois anos quando percebemos que não era mais possível vivermos em um espaço tão pequeno e limitante para os dois. Buscamos uma casa, e logo que conseguimos fazer a compra nos mudamos. Sair de um apartamento de 55 metros quadrados para uma casa com 175 metros quadrados foi uma mudança significativa, acentuada pelas áreas externas, sobretudo o quintal, que virou o habitat natural dos passarinhos.

Eles começaram, aos dois anos, a explorar novas possibilidades que um quintal te proporciona, aquele espaço abrigou uma cabana, mais de uma até; abrigou ferrovias e rodovias, mais de uma até; abrigou cozinhas, mais de uma até; abrigou laboratórios, vários e muitos. E claro, abrigou alguns dos nossos melhores registros de memórias.

Em uma tarde, o dia quente teve uma leve mudança no tempo, o sol não mais estava intenso, e uma chuva de verão se fez. Os dois nunca tinham estado dentro da chuva, viram a chuva através da janela de um apartamento, até aquele dia.

Sem tempo e com todo o tempo para viver, assim que a chuva iniciou os passarinhos saíram de casa e correram para dentro da chuva, de bracinhos abertos, olhando para o céu, e sentindo cada gota de os acariciava. Eles não puderam esperar, eles foram viver a chuva e a convidaram para dançar.

Assim que terminei este relato, professor Bakhtin me olhava admirado, possivelmente porque percebia como eu estava admirada com as muitas formas de se encantar com o mundo que os bebês nos ensinam.

Disse a ele que a mesma admiração que vi nos olhos dos passarinhos no espetáculo “Cuco”, vi naquele momento em que eles se encontraram com a chuva.

- Mas é claro, me disse o professor Bakhtin, e seguiu: “O primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivência, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele.” (BAKHTIN, 2010, pg. 23)

A partir dos apontamentos que meu orientador realizava fui conseguindo compreender, portanto, que a estética tem relação com a maneira como consigo me colocar no lugar do outro, e sobretudo na maneira como conseguimos coincidir, dito isso, constituir sentido ao que vivemos e partilhamos.

Na atividade estética faz sentido que assim seja, no decorrer de um espetáculo teatral não é somente o ator e a atriz que se relaciona, mas há algo como uma via em que, mesmo os bebês, conseguem identificar como relação. Algo se estabelece entre, e nesse entre estaria a atividade estética.

Questionei o professor Bakhtin se nesta via eu poderia definir que o sujeito vivencia a atividade estética de si para o objeto. E se assim for, em que medida essa relação se estabelecerá no bebê que ainda não tem a linguagem falada como interlocutor da atividade que acaba de vivenciar?

Professor Bakhtin prontamente me disse que:

“Para o ponto de vista estético é essencial o seguinte: para mim, eu sou o sujeito de qualquer espécie de ativismo: do ativismo da visão, da audição, do tato, do pensamento, do sentir, etc.; é como se eu partisse de dentro de mim nos meus vivenciamentos e me direcionasse em um sentido adiante de mim, para o mundo, para o objeto.”  
(BAKHTIN, 2010, pg. 36)

Suas palavras naquele momento fizeram absoluto sentido para mim, o bebê já é em si o sujeito cognoscente, de modo que ao constituir relação com o espetáculo, o bebê é capaz de constituir sentido no que vê, no que sente, no que ouve.

Decidi naquele dia extrapolar o lugar do teatro, então perguntei ao professor Bakhtin se eu poderia constituir em literatura para bebê o que acabava de narrar. Ele prontamente viu uma nova fagulha possível na educação estética do bebê. E me disse:

- Quanto mais ampliarmos os sentidos, mais possível será a atividade estética no mundo do bebê.

Sai da orientação, deitei a cabeça no travesseiro naquela noite e não pude dormir. Acendi o abajur, lancei mão do caderno de escritos e ali rascunhei uma literatura para bebês, seu título *Chuva*, estava adequado ao que vivenciamos até aquele momento.

Neste dia eu descobria a escrita para bebês.

Neste dia eu definiria os rumos da minha pesquisa.



Ainda muito emocionada e tocada com a última orientação, e após conseguir sistematizar minha escrita poética, fui ao encontro do meu orientador e mostrei a ele esse primeiro texto, fui parabenizada pela maneira com que havia conseguido encontrar um corpo para essa escrita. Um corpo? – o questioneei.

Sim, um corpo, me respondeu ele, e seguiu me afirmando que “o ponto de partida da imaginação criadora na maioria é constituído por um lugar determinado e totalmente concreto.” (BAKHTIN, 2011, p.253), e que, portanto, ao escrever a partir do corpo do outro, constituí um corpo textual, com uma imaginação criadora cronotópica, concluiu afirmando que na escrita há momentos em que o tempo da natureza e o tempo da vida humana se colocam na mais íntima interação e interpenetração (2011, p.254).

Prontamente observei ao professor Bakhtin que este exercício me motivou a pensar demais recortes de momentos junto dos meus filhos em que pude perceber a presença poética da relação deles com o mundo, e como essa presença pode ser sintetizada em uma escrita para a literatura para bebês.

Já fui então partilhando mais uma memória, diariamente levava meus filhos para o parque, eles ainda bebês exploravam o espaço, engatinhando, descobrindo, subindo e descendo, entendo o limite do seu corpo. Eles olhavam atentamente a tudo, a presença de cada animal que chegava, ou das crianças que também vinham brincar.

Houve um dia em que estávamos no parque, era final da tarde, uma brisa percorria o local, estávamos sozinhos, nós três, os dois como de costume descobriam o espaço. Benjamin estava próximo ao gira-gira, ocupado manipulando a areia, olhando para ela entre seus dedos. Bernardo estava próximo do balanço, e olhava atento para o infinito.

Sua atenção extrema chamou minha atenção, fiquei por um momento observando sua cabeça que mexia levemente, mantinha-se compenetrado como quem está absorto no que vê, ele não se locomoveu, seu corpo estava lí, mas seus olhos, estavam ao longe. Procurei pelo que tomava seu olhar, não conseguia, porém, enxergar o que o estava alcançando. Por algum momento achei que ele estivesse somente perdido nos seus pensamentos, mas era a primeira vez que o via atento e absolutamente imóvel.

Foi nesse momento que percebi que meus olhos não poderiam alcançar os seus, eu precisava estar na sua altura para conseguir enxergar junto dele, aproximei-me dele e ao seu lado me sentei, coloquei meu rosto próximo da altura do seu, procurei seguir o seu olhar, olhar para o que ele olhava, ver o que ele via, o que o fascinava afinal. Foi então que vi...

Uma folha, a se mover, próximo ao chão, carregada pela leve brisa do final do dia, em movimentos de subir e descer, ser levada e acariciada. Seus olhos se perdiam neste movimento dançante da folha, da folha que dançava junto do vento. Entendi então que ele se perdia olhando o vento, percebendo a presença do vento que acariciava a folha enquanto com ela dançava e rodopiava. Ele via o vento!

Aquele momento me deixou muito emocionada, refletia na minha mente a presença do bebê no mundo, fiquei olhando e percebendo que de fato olhamos o mundo pela primeira vez quando bebês, e todo o mais não é descoberta, é continuidade. Ele descobria naquele momento que o vento existe, como presença do que somos.

De repente a folha cessou sua dança, e se deitou no chão, foi então que Bernardo começou a engatinhar na direção da folha, e a pegou em suas mãos, a admirar o que acabava de presenciar. Ele

admirava a folha e o vento, eu admirava a presença do que acabava de ver.

Terminei meu relato com o mesmo olhar emocionado do momento vivido naquele dia, e logo saquei meu caderno de anotações e dei ao meu professor para ler *Vento*, compilado como texto poético literário para bebês. Eu parecia mesmo extrapolar o corpo, eu precisava colocar em escrita as memórias do que havia vivenciado.

Professor Bakhtin se ateu a ler, ao que me disse: as interações dialógicas necessitam que a pessoa participe de forma integral, e você neste exato momento me descreve que compreendeu o bebê como um interlocutor competente, que se utiliza do corpo para se comunicar, aprendendo na forma de interação permanente, pois

Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos *outros*, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, já sabemos. Já dissemos que esses outros, para os quais o meu pensamento pela primeira vez se torna um pensamento real (e deste modo também para mim mesmo), não são ouvintes passivos mas participantes ativos da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2011, p. 301)

Estava certa de que naquele momento professor Bakhtin e eu compreendíamos o papel dos bebês neste diálogo ao qual pretendia estreitar, entre teatro e literatura, em uma educação estética que observa o corpo do bebê que se comunica e, portanto, é capaz de constituir sentidos.

Então estava certo, *Chuva e Vento* se constituiriam em duas literaturas para bebês, que partem do corpo do bebê, do que o bebê olha, e do que o faz parte do seu mundo imediato.

Neste exato momento disse ao professor Bakhtin, o bebê, ele não é um leitor comum, ele é um *performer*<sup>3</sup> *leitor*.

---

<sup>3</sup> “Na situação performancial, a presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília. Na leitura, essa presença é, por assim dizer, colocada entre parênteses; mas subsiste uma presença invisível, que é manifestação de um outro, muito forte para que minha adesão a essa voz, a mim assim dirigida por intermédio do escrito, comprometa o conjunto de minhas energias corporais.” (ZUMTHOR, 2007, pg. 69)



Neste dia eu perceberia o bebê como um performer  
leitor.

Neste dia a escrita desta tese fazia sentido enfim.



**POSFÁCIO**

*Eu não disse isso e não pensei isso também.*

*Caroline Carvalho*

Eu não disse isso, foi o que primeiro pensei quando me percebi na escrita de uma tese, uma tese que buscava contornar uma autoficção em trânsito com a educação estética de bebês. Agora acredito que não pensei nisso também, não propositalmente, foi chegando em mim uma vontade de pensar mais a miúde em bebês, seus familiares e a potência de os formar esteticamente. Por isso, como epílogo de cada capítulo relembro a mim, e possivelmente ao leitor, que eu não sei exatamente onde isso, que chamo de tese, vai me levar.

Decidi fazer uma escrita mais pessoal, por isso a autoficção se fez presente. Decidi alinhar minhas pesquisas em torno do bebê na literatura e por isso a escrita literária se fez presente. Decidi trazer o teatro para bebês, que foi minha entrada primeira ao universo do bebê, e por isso, acredito que a finalização disso que chamo de tese, se constitui em um espetáculo para bebês.

Acredito ser necessário pontuar que meu objeto de tese se constitui nos livros *Vento e Chuva*, pois são de fato o produto a que fiquei por dois anos em constantes aprimoramentos, olhares, leituras, releituras, discussões, observações e planejamentos. A literatura para bebês vem sendo ampliada no Brasil muito recentemente, assim como o teatro para bebês, o fiz enquanto comprometimento de tese: a construção e a publicação dos livros. Acredito que eles conversam com o leitor por si.

Quando iniciei o doutorado meu orientador me provocou a pensar na utilidade de uma tese, e assim nasceram dois objetos de tese que, acredito, estarão nas mãos de bebês, familiares e professoras cumprindo e permitindo que a pesquisa alcance sua reposta social.

Naturalmente que meus filhos foram o início de um apanhado de interrogações as voltas da educação do bebê. A frase que diz: “quando nasce um bebê nasce uma mãe” de fato se aplica, e quando nascem gêmeos nasce uma mãe que em dose dupla olha para o universo do bebê. Eles me incentivaram a olhar para cada etapa cuidadosamente, e foi então que eles me ensinaram a voar, pois fui compreendendo que não há limitações na comunicação e no aprendizado. O bebê pode ainda não falar, e mesmo pode ainda não caminhar, mas ele se comunica, pois ele não se limita. O bebê pode ainda não responder, e mesmo pode ainda não demonstrar, mas ele está constituindo sentidos e experiências, que o formam esteticamente. Meus filhos, como passarinhos que são, mostraram que nosso ninho é maior que o mundo, parafraseando livremente Manoel de Barros.

Para que eu pudesse pensar o bebê, conversei com Winnicott, em uma psicanálise que olha o bebê como sujeito de sua formação, e procurei compreender sua personalização. No mesmo sentido busquei em Winnicott e sua teoria do objeto transicional suporte para discutir a educação estética do bebê e defender a arte como possibilidade de transacionar a relação com a cultura.

Neste percurso autoficcional fui compreendendo a importância de me olhar enquanto mãe, artista, professora e pesquisadora, afinal foi por meio da maternidade e de meus percursos

docentes e artísticos que fui constituindo diálogo com os bebês e encontrei um interesse latente, formar bebês esteticamente. O que melhor sei está em mim, porém, o que sei de mim está na relação que constituo com o mundo, com meus filhos, com meus alunos e alunas, com meus leitores e leitoras, com meu orientador, e ao longo do meu percurso com meus professores e professoras.

Cabe destacar que inicio esta autoficção em forma de tese, ou esta tese em modo de autoficção, narrando o que foi o dia e a noite mais difíceis de minha vida, a perda da minha mãe. Levada pelo COVID durante meu percurso de doutoramento não pude deixar a margem o que foi a marca mais significativa, e possivelmente a mais dolorosa, que vivi até então. A mãe que sou se dá pela mãe que ela foi. A mãe que sou ainda é uma resposta à mãe que ela via em mim, e que me incentivou com suas palavras afetivas destacando minha maternidade comprometida e nas palavras dela, “cheia de carinho e amor”. Seria impossível não mencionar que ela foi o percurso mais dolorido desta tese, assim como foi a melhor resposta a ela.

E é justamente para discutir dialogicamente que busco em Bakhtin resposta para minhas interlocuções com a maneira com que me posiciono no mundo, mas na maneira com que vou constituindo o meu excedente de visão. Eu não me constituo sozinha e não sou sozinha neste percurso, Bakhtin me ajudou a olhar exatamente para essa estética em que o que sou é resposta com os modos de olhar por meio da ética e da estética. Não haveria melhor suporte nesta polifonia.

*Vento e Chuva*, aqui constituídos enquanto tese, tornaram-se espetáculo teatral para bebês, fechando este ciclo que acredito que

constitui o suporte ao qual estou em busca de compreender: a educação estética do bebê por meio do teatro e da literatura. E claro, seu inacabamento se dá em constante fluxo, o que estou olhando hoje não será o mesmo que vou olhar amanhã, e acredito que esse vir a ser é o que mais me instiga a continuar buscando.

Por fim destaco que para fechar meus escritos alcanço Zumthor, que delineaia discussões sobre a performatividade, acredito neste sentido que o bebê se constitui em um performer leitor, seja quanto espectador no espetáculo teatral, seja como leitor literário. O performer leitor que sabe que “a percepção é profundamente presença.” (ZUMTHOR, 2007, pg. 81)

A educação estética é sobretudo a sensibilização dos sentidos, nossa audição, nossa visão, nosso corpo, são órgãos de conhecimento, o que é ainda mais potente no bebê, que está experimentando o mundo pela primeira vez. Uma descoberta que usa de sentidos que expandem o uso da palavra, para um corpo que comunica, o que é possível, sobretudo no bebê, esse performer leitor.

**CARTA/PARECER**

De Jean Carlos Gonçalves

Para Caroline Carvalho

Carol,

Era 2003. Eu havia entrado na universidade para fazer música. Algo me fez parar no teatro. E por isso te conheci. Em um curso noturno, uma guria toda metida que havia se transferido da FAP, em Curitiba, para a FURB. Pita, Murphy, Valéria, Fábio, Ivana, Guto, nossos professores, sofreram um pouco porque éramos terríveis. Eu, você, Nicole, Cassio, Jackson, Felipe, Silvio, Crista, Deise, Mariza, Chimeni, Michelle, Jozy, Tharita, Thais. Talvez tenha esquecido de alguém da turma. Peregrinamos entre os blocos do IPT, a Oficina Porão, o Bloco S e, claro, a sala de uma academia emprestada na Rua Joinville. Nossa licenciatura em teatro foi o cão. Ríamos muito, de tudo, eu e você. Eu lembro que não gostávamos muito das mesmas pessoas, e adorávamos o fato de termos sido escolhidos para ser Benedito e Beatriz de Shakespeare. *Muito Barulho por nada* não deu em nada. Veja que interessante. Fizemos as personagens principais de uma peça que só foi ensaiada, mas nunca encenada. Você lembra que apresentamos um ensaio aberto para a mãe da Deise? Um vexame total, na verdade. Lembro também que quando fizemos a peça *O Grito*, um projeto do grupo Elementos em Cena, apresentamos, numa noite chuvosa, só para 5 pessoas – a família da minha tia Selma, que decidiu ir lá nos ver. Devem ter se escandalizado com aquilo. Carol, a gente sempre foi meio cúmplice né? Nunca brigamos em 20 e tantos anos de amizade. A gente se entende no olhar. Tanto no palco como

fora dele. Eu achava ridículo aquele espetáculo *As relações naturais*, de Qorpo Santo. Não o texto, mas a forma como estávamos encaminhando a encenação. Mas a gente fez. Fomos até o fim. Na força do ódio e loucos para terminar a faculdade. Estava em Gaspar quando te contei que havia passado no mestrado. Estávamos em turnê, no último ano do curso. Você foi a primeira pessoa da turma para quem eu tive coragem de falar. Lembro que recebi um largo sorriso e um abraço de apoio, me incentivando a seguir. Nos encontramos, depois, em algumas aulas da professora Janaína, da licenciatura, que fizemos de forma concomitante e após o bacharelado. Vi você crescer como atriz em Itajaí, suas andanças pelo Porto Cênico, que eu acompanhava, embora mais de longe e sua entrada no mestrado na Univali...e mudei para Curitiba. Aí não lembro bem como foi que nos reencontramos, acredita? O que sei é que, para mim, ainda soa estranho ser teu orientador de doutorado. A minha impressão é de que você não precisa ser orientada. Você já é. Já veio com uma orientação, de berço, da sua mãe. Que eu conheci e sei que te constitui de uma forma inexplicavelmente bela. E foi durante o doutorado que ela voou. Por isso ela está na sua tese, se faz presente na mãe tão bonita que você se tornou, junto do querido Magu (e toda a luz que traz para sua vida) e dos seus passarinhos.

Então é isso. Essa carta é para celebrar uma relação de amizade, e não de orientação. É para dizer de como me sinto honrado por você ter me escolhido para caminhar contigo nessa aventura acadêmica. É para te agradecer por ter me trazido Carla – pesquisadora tão luxuosa e sofisticada quanto sua adega - “um vinho intenso, com aroma que lembra frutas negras”. Carla me trouxe Inácio, me trouxe Fransuê. Eu te apresentei Sonia, Kátia e agora Carol. (Acho que tenho um imã com

as Carois, porque elas são tão queridas que acabo levando para a vida!).

É sobre relações, Carol! Essa carta é sobre o fato de a nossa relação ser não apenas saudável e gostosa, mas também frutífera.

Olha quanta coisa temos para contar, quanto vento e quanta chuva já pegamos por aí. A minha alegria de te ver doutora é regada pela admiração que sinto por ti. Falei para o Vicente, na avaliação do curso de Teatro da FURB, que a nota é, na verdade, da Carol. Você é um furacão de força e vigor. Venta ventando e chove chovendo! E felizes são as pessoas que conseguem respirar o teu ar tranquilo e se molhar nas gotas da tua generosidade.

Jean, Primavera de 2024.

**PARECER/CARTA**

De Sonia Machado

Para Caroline Carvalho

Vento e Chuva: teatro e literatura na educação estética de bebês.

(parecer sobre a tese de Caroline Carvalho sob orientação de Jean Carlos Gonçalves)

Eu gostaria de, ao falar sobre a tese de Caroline, tecer um louvor à delicadeza, à beleza do mundo, da vida e das pessoas, ao tempo precioso do viver. Pois seu trabalho fala da relação entre pessoas, do assombro que é o conhecimento, do fascínio que cada descoberta traz. Sendo assim, nesta tese que são, na verdade, três, a descoberta do vento e a descoberta da chuva pelas crianças (as suas e todas as crianças do mundo) trazem uma singeleza que, por momentos nos esquecemos desses tempos duros e cruéis que vivemos.

Caroline divide sua vida com a pessoa leitora e a poesia torna-se sua linguagem. Ela é a mãe que pesquisa, a mãe que observa e cria, a mãe atriz que narra em cena suas descobertas, a mãe professora que ajuda a pensar, perceber e entender o mundo. Existe um encanto contemplativo e silencioso que atravessa todo o seu texto acadêmico/poético, pois todo o tempo ela trata da natureza, mãe de todas as coisas vivas, a mãe que traz o vento e a chuva. Lembro aqui que a poesia e a arte captam, de algum ou de vários modos o mundo inapreensível, de impossível definição em sua completude.

Seu trabalho trata de tudo o que nos transcende e ultrapassa, dessa invisibilidade que se esconde no mundo material e que o possui de maneira natural e completa. Tudo que passa a viver por inteiro na criação artística é o que essa tese nos oferece.

E é extraordinária essa Caroline-mãe que se apresenta a nós e que existe em tantos papéis que entre si conversam.

Essa mulher-mãe, para mim, é o coração da pesquisa.

E ela explica como escreveu: contando a história em recortes, escolhendo a maneira de seguir contando cada momento vivido. Alguns poderão se perguntar se seu trabalho não é pessoal demais, mas se o resultado de um dos seus produtos são os livros para bebês, estamos tratando de arte no seu sentido mais pleno, algo que só pode ser criado, gestado e parido por alguém, por uma pessoa que sabe olhar o mundo e as coisas todas do mundo.

Sua obra, portanto, é pessoal e única, mas escrita em coletivo numa conversa ininterrupta com tudo que a cerca e envolve. Neste lugar experienciado, onde a vida acontece estão seus filhos "passarinhos", seu marido, suas irmãs, sua família toda e muita, muita gente mais, como Guilherme Karsten que ilustrou seus livros e Suellen Gervásio, que dirigiu seu espetáculo "Vento de Chuva".

Quando Caroline olha seus pequeninos gêmeos e, para além dessa contemplação amorosa de mãe, nos leva a olhar para eles através do seu próprio olhar, ela cria algo mais, ela nos dá conta desse algo indefinível e surpreendente, que não é visto pelas pessoas apressadas dos tempos que correm, ela cria fatos e instantes de pura magia que desembocam em literatura e cena.

Ao apresentar seus dois livros para bebês ( Vento e Chuva da Editora Alebebê) ela nos presentia com uma delicada poesia, com espaços em branco próprios para sonhar e deixar flutuando nossa imaginação. E ao apresentar seu espetáculo "Vento de Chuva" sua narrativa se constrói em pausas para o olhar, tempos para respiração profunda e ocasião para viajarmos em nossas próprias imagens que nos trazem antigas memórias, numa riqueza sem fim.

O espetáculo é composto de duas personagens, o Vento e a Chuva, que jogam alternando papéis, estabelecendo um jogo de extrema ludicidade em que também duas crianças brincam com a natureza e suas manifestações mais lindas. Seus recursos cenográficos são minimalistas: duas pequenas torres de luz, alguns pedaços de tule, papel e galochas. A sonoplastia nasce da lida das atrizes com os materiais e nascem de seus próprios corpos.

Lembrei da infância de meu filho Frederico, ainda bem pequenino, na Escola Criarte, de Madalena Freire, nos anos setenta, solto no quintal, com crianças de algumas diferentes idades, parado perto de uma torneira, tentando pegar os pingos de água. Naquele momento talvez estivesse nascendo o pesquisador que trinta anos depois ele se tornou.

Lembrei também de Paulo Freire, que tive a felicidade de conhecer pessoalmente, através de imagens de crianças sendo alfabetizadas, correndo felizes debaixo das árvores da escola, procurando palavras escritas à mão e ocultas sob um chão de folhas secas. Nos tempos de agora, as crianças se ressentem com a imobilidade causada por telas e teclas, então procurar papezinhos com palavras em meio à terra do quintal é uma imagem quase dolorosa.

As cenas de “Vento de Chuva” me lembraram do Teatro VENTOFORTE e de Ilo Krugli que infelizmente já nos deixou. Lembrei da magia de seus espetáculos onde, por exemplo, acreditávamos num barquinho de papel, entre os dedos da mão do ator, que contava sua história triste de amor por Irupê, uma flor por quem havia se apaixonado. A beleza de seu trabalho me trouxe essas imagens e lembranças Caroline.

Muito obrigada por tanto! Que muitas pessoas possam conhecer sua pesquisa e aprender com ela a preciosidade da atenção às coisas simples e delicadas que nos cercam, como as gotas d'água que escorrem pela vidraça mal começa a chover.

Sonia Machado de Azevedo

Curitiba, 11/12/2024

## **DIÁLOGO/PARECER**

De Caroline Vetori

Para Caroline Carvalho

### **Vento e Chuva: teatro e literatura na educação estética de bebês**

Peço licença para ler e dialogar com você, Carol (posso te chamar assim?), que me convidou a constituir essa banca e por meio do teu trabalho a escrever. Me ventou e choveu... E sou do tipo de pessoa que melhor se organiza tateando letras e encontrando eixos em palavras ou, até mesmo, descortinando supostos eixos... entre palavras carne vento e carne chuva.

Quero começar te parabenizando por esse trabalho, por esse percurso, por essa tese que é composta pelos livros físicos, o texto e a proposta de espetáculo (o qual, imagino, estarei atravessada por ele quando ler esse texto no dia da defesa, envolvida por teus diálogos e inventarias).

Não tenho como iniciar sem agradecer imensamente ao convite. Poder dialogar com esse trabalho, com essa banca, com esse orientador... obrigada mesmo pela confiança, espero poder contribuir um cadinho. Uma gotinha ou um sopro. Dá vontade de chover e ventar junto! E compartilho que essa é minha primeira banca de defesa de doutorado, ou seja, de forma muito significativa você também me marca. Esse tema me marca, convoca, desloca, movimenta e cá estou... ah, e tenho nervosismos na barriga, além dos nas/das palavras...

De antemão, gosto de lembrar que o que trago são sugestões. São convites... vejam o que é interessante de ser

observado/considerado ou não. O que dá tempo para esse fechamento agora. Nada aqui numa perspectiva encerrante, beleza? Pautada por dar conta de algo... não há, aqui, qualquer intenção de encerrar questões. Encaminharei também a autoficção com apontamentos, espero que auxilie na revisão final.

Começo focalizando o tema: a escolha dessa interseção entre teatro, literatura e a estética para/com bebês por si já é de uma contribuição gigantesca para a área de educação e artes. Há a defesa desse campo, a educação estética para bebês *e com bebês*, como legítimo e necessário. Ainda, a escolha dessa carne, por esse corpo de pesquisa que é admirável! Parabéns!!!

As produções literária e teatral são as materializações da ampliação de alcance da sua pesquisa. Antes mesmo do dito “depósito final” da tese, *faz fuá, uff, uuuu, aaaa* (copio a colega maravilhosa de banca que trouxe isso em sua fala). É uma resposta que devolve a pergunta feita por teu orientador: qual a função de uma tese? Deixemos essa pergunta ao nosso lado, como uma pulga, como guia.

A escolha da escrita autoficcional é muito acertada, realmente envolve e é orgânica. Me peguei inúmeras vezes mergulhada no texto, propulsão por você em imagens, paisagens e até mesmo, porque sim, sensações...

Quando te lia fui ao encontro de um livro que ganhei do Jean, do próprio, chamado *Qualquer semelhança não é mera coincidência*: um olhar para a escola a partir do teatro, e fui levada (parei ali) numa citação de Mario Marques (2003, p.92) que dizia sobre o processo de estabelecimento de um tema de pesquisa. Dizia que esse processo é de demarcação de um campo específico de desejos

“por conhecer, por entender nosso mundo e nele e sobre ele agir de maneira lúcida e consequente”. A sua tese é isso! E tanto! E mais! E muito que ainda te levará! Nos levará! Levará outras! Obrigada pela lucidez e intencionalidade.

Fui te lendo em diferentes momentos, em paisagens distintas e encontrando justamente no teu texto, diferentes momentos e paisagens distintas, ambos não encerrantes, cheios de dúvida e espanto, com sede de cintilar os olhos, como mãos que buscam o toque.

Gostaria de saudar também Edite, que, uso suas palavras, te “ensinou a nunca” se “curvar”. Aprendo, por extensão, esse belíssimo compromisso.

Vou perpassar teu texto, sequencialmente... O trabalho está bem estruturado, mas há algumas questões na formatação, nada que rapidamente você não resolva. Aponto no trabalho para facilitar o encontro dessas partes.

No teu resumo você circunscreve tuas parcerias: o vínculo ao Laboratório de estudos em educação, linguagem e teatralidades e à Diálogos: rede internacional de pesquisa, focada no diálogo entre teatro e literatura para bebês. Chamo atenção a esse cuidado pois percebo no teu texto uma postura muito sensível que não invisibiliza parcerias, que compreende que elas também constituem a tese. Isso é admirável! Por mais escritas assim.

Você acolhe influências diversas que moldam sua trajetória de maneira não hierarquizada. Ontem fui apresentada a um vídeo de Augusto Boal no qual ele fala das influências. Reflete sobre o hábito

de dizermos influências “legitimadas” como tal, mas que, muitas vezes, não falamos da influência das pessoas com as quais convivemos. Sim, essas autorias legitimadas nos influenciam poderosamente, mas outras pessoas também, outras vivências que a fazem e devem ser também consideradas legítimas. E é muito bonito ver isso no teu trabalho. E, é importante compartilhar, não sou estudiosa de Bakhtin (imagino que várias pessoas que estão conosco na defesa o sejam... já quero me aproximar desse grupo, hein), mas peço licença e já desculpas por qualquer erro de compreensão...vou aprendendo daqui, beleza? Vamos trocando. Penso que o que Boal fala vai ao encontro do que traz na sua cartinha, que veio com os dois livros, ancorada em Bakhtin... sobre o olhar dos que nos olham, te cito, “para além de mim, mas junto comigo, e agora com você que me lê”.

Nisso é belíssimo quando você divide a autoficção em mãe, professora, atriz, escritora/pesquisadora pois são lugares/posturas/estados relacionais, construções de quem é, te formam, estão enraizadas na interação dialógica com outras, penso no que tenho de diálogo superficial com Bakhtin sobre esse eu constituído em relação a outra.

Na página 12 é belíssimo o momento em que você reflete sobre o ato de colocar a tese nas mãos de outras pessoas para leitura, como objeto confeccionado pelas tuas mãos, permeado por tantas outras e agora em um ciclo de continuidade. Há algo de profundo nessa lembrança da materialidade – da tese e de nós mesmas – que ecoa na provocação do teu orientador sobre a utilidade de uma tese. Encontro ressonância e interesse nessa provocação.

Na página 18, a página em branco, fico em silêncio com você. No abismo da página em branco, no abismo da vida. Seria a materialização da perda? Uma gota oceânica jorra sozinha. Morte-travessia-vida?

Na página 26, ao compartilhar que "entendia que seria mãe", a conjugação do verbo "seria" marca uma inconclusão, adubada por aquela mesma gota oceânica? Então, uma gota oceânica aduba. Uma chuva se faz de quantas gotas? Já se anuncia aqui que se precisa de muitas, se é quando/em/por muitas.

Já na página 31 temos uma das pérolas da autoficção: tomar Winnicott e Bakhtin personagens da tua narrativa, embebida no exercício autoficcional de base. Contudo, a explicação desse recurso aparece em nota de rodapé. Deixo em suspenso a questão sobre o lugar dessa explicação. Ainda, essa abordagem destaca a potência do diálogo entre teoria e experiência pessoal. Opa, pera, há de fato essa diferença?!

Na página 34 o encontro de Benjamin com o livro *Fuzarca* é descrito como um momento de suspensão compartilhada: "(...) sua respiração acalmou, seus parâmetros estabilizaram, por um momento ficamos todos em suspensão" (Carvalho, 2024, p.34). E aí nesse momento você também compreendeu/sentiu, compreendeu por que sentiu? "que fazia diferença na existência e outro ser"(idem). Que lindo perceber isso, não? Que lindo percebemos, dado que somos constituídas em relação, da nossa incidência na vida de outras...

Na página 40 outro momento também que fiquei em suspensão com você, com vocês: "(...) o colocamos junto do Bernardo, que ficou muito emocionado e por isso, teve uma parada respiratória"

(Carvalho, 2024, p.40). Um susto, como você disse, mas que foi superado quando viu os dois juntos pela primeira vez. Penso nesses encontros e no quanto fisicamente, sensorialmente mobilizam, pensando inclusive a lente de análise da tese. E mais a frente, na 42, você é perguntada pelo médico se se sentia pronta para levar os gêmeos para casa, respondendo sem titubeios: “- Claro que não. Eles precisam de muitos cuidados. - Ótimo, responde o Dr. Você está preparada. (...) “seria eu, os dois, e o inusitado” (Carvalho, 2024, p.42). Como é estar em relação aberta à vida, ao inusitado? Pensemos nessa pergunta quando mãe. Quando professora. Quando atriz. Quando escritora/pesquisadora.

Na página 49 surge uma reflexão sobre como o corpo (aqui especificamente de mãe) é extensão e abrigo, mas também construção de relação com o mundo. A partir dessa compreensão, você busca modos de expandir os sentidos dos teus filhos, percebendo que a existência deles está condicionada ao "vir a ser" – um objetivo que ecoa em teus papéis como mãe, professora, atriz e escritora/pesquisadora: possibilitar que as pessoas descubram quem são. Isso sintetiza o âmago da relação entre estética e educação que perpassa teu trabalho.

Esse movimento ganha força na página 56, quando você menciona estar "carregada de um não saber" ao enfrentar a transição do espaço familiar para a escola, para o mundo, condição que permite a abertura para novas possibilidades. O que melhor que estar carregada de um não saber para não fechar possibilidades, para não replicar incongruências, para estar convocada ao exercício de atenção e busca?

Na página 58, ao dialogar com Winnicott, você reflete sobre o crescimento e a percepção da outra como parte do processo, tudo corroborando para a importância do tema, da sua convocação.

Na página 65 me perguntando: qual a diferença entre professora e educadora?

Já na página 68 você descreve o encontro com os bebês como algo não ao acaso, acidental, mas profundamente significativo: “Havíamos nos encontrado e não era por acaso” (Carvalho, 2024, p.68). Você descobriu que seria professora e da primeira infância. Lembra da citação lá no começo sobre a delimitação do tema da tese? Intencionalidade!

Essa perspectiva é reforçada na página 74 com a introdução do conceito de objeto transicional de Winnicott. A exploração do tempo e das elaborações possíveis no texto poderiam ser mais bem costuradas.

Na página 77 há outro ponto marcante: “Neste dia, eu olhei para os bebês como produtores de sentido sensível” (Carvalho, 2024, p.77). A crença na potência de uma educação estética para/com os bebês é reafirmada. Crença carne.

Na 81 como entusiasta das relações de mediação artística, penso no bilhete, nessa chegada anunciada do teatro: a escola receberia um espetáculo de teatro. Aqui já haveria várias possibilidades de desdobramento para análise. Escreve mais sobre em outro momento?

Na página 83 Bakhtin surge novamente, com a incerteza na sua voz, dessa vez em diálogo sobre o tempo e o espaço na arte, sobre

o cronotopo. Esse professor que deixa você ir pegar um autógrafo com o pessoal da peça, que te atravessou. A reflexão sobre como toda obra literária ou teatral é dirigida para a outra nos remete à descoberta da potência do teatro enquanto fomento à criação conjunta. Tens no diálogo com o professor a compreensão de sermos criadoras da obra, fazemos juntamente com... e aí amarra com a tua descoberta: querer fazer isso, ao descobrir a potência do teatro e juntamente a compreensão do fomento à criação que convoca. E ambas as nuances são base para tua escolha. Que bonito, Carol! I

Na 91 fala que tentava em tudo trazer o teatro e compartilhar que também fui essa criança... Essas Carolines (?).

Na 92 se revela tua compreensão do teatro: “A possibilidade de voltar a brincar com a cena e com a vida de outros personagens me interessava” (Carvalho, 2024, p.92), ou seja, o teatro como brincadeira. Quantas vezes o teatro quando institucionalizado se perde do caráter brincante?

Na página 93 você diz: “(...) ao buscar a informação sobre o grupo de teatro, o professor me ajudou a olhar para o meu futuro”. Que lindo!!! Espero um dia na minha atuação docente ajudar a olhar futuros.

Na 98 outra pérola: “Cheguei aqui me sentindo uma caipira, perdida e curiosa, saio hoje com meus encontros e muitas trocas possíveis. Seria isso a universidade?”. Espero que o seja: lugar de encontros e muitas trocas possíveis. Fico feliz que também o possa ser.

Na 99 você diz que os espetáculos infantis são bons para nos ensinar o tempo do teatro. *Fuá, uff, uuuu, aaaa*. Vento e chuva ensinam sobre o tempo.

Nas páginas 104 e 105 você descreve um encontro vivo e sensível com os bebês, uma troca sem palavras, mas repleta de significado. Essa interação mostra o bebê não “apenas” como espectador, mas como criador, participante do teatro. Na descrição desse encontro tanto da teoria dos seus personagens-autores de base. Ainda, que lindo é teu reconhecimento de um modo de teatro.

Na página 130 você conclui que o bebê, ao constituir relação com o espetáculo, é capaz de gerar sentido, sujeito estético e cognoscente. “[...] o bebê já é em si o sujeito cognoscente, de modo que ao constituir relação com o espetáculo, o bebê é capaz de constituir sentido no que vê, no que sente, no que ouve” (Carvalho, 2024, p.130).

Na página 135 a narrativa se volta para o corpo como um elemento essencial na imaginação criadora, fundamentada no cronotopo, “um lugar determinado e totalmente concreto” (Bakhtin, 2011, p.253). Sua reflexão transcende a relação com seus filhos, ampliada para a literatura como um espaço para sintetizar e compartilhar a poética do mundo. Essa jornada culmina em uma escrita que, como você afirma em relação com o que traz seu orientador, dá corpo à relação estética entre bebês, literatura e teatro, sintetizando os múltiplos caminhos explorados em sua pesquisa. A partir do corpo da outra constitui um corpo textual.

Na página 136 você, na presença do bebê no mundo, percebia a pureza do olhar inaugural que temos apenas na infância,

quando descobrimos o mundo pela primeira vez. “e todo o mais não é descoberta, é continuidade. Ele descobria naquele momento que o vento existe, como presença do que somos” (Carvalho, 2024, p.136). Manifestação sensorial e simbólica do que somos. Tua percepção está diretamente ligada a imagem apresentada na página 139, que propõe o bebê não como um leitor comum, mas como um performer leitor, onde o corpo participa ativamente desse diálogo com o mundo e consigo. Essa visão se enraíza em Zumthor, que você cita, cuja teoria salienta o papel do corpo como suporte fundamental para a interação com a cultura, incidindo na compreensão do bebê como um sujeito sensível que experimenta e interpreta o mundo esteticamente por meio do corpo. Assim é importante trazer Zumthor para dentro do texto, não como nota de rodapé! Importante também que há a referência a Manoel de Barros, não? Mas não está explicitada na primeira vez que aparece.

Lembra da pergunta sobre a utilidade de uma tese? Lá na página 144 aparece. Essa inquietação incide na criação de dois objetos, os livros e o espetáculo teatral, que têm como objetivo alcançar não apenas o meio acadêmico, mas também bebês, famílias e professoras. Reflito bastante sobre a função social de uma pesquisa. Pergunta que caminha junto a questão da utilidade lembrando, como você acertadamente explicita, você ficou “por dois anos em constantes aprimoramentos, olhares, leituras, releituras, discussões, observações e planejamentos” (Carvalho, 2024, p.143) e está visível, é tátil, está materializado esse trabalho.

Aí você dialoga com os conceitos de Winnicott, especialmente com o objeto transicional, para embasar sua compreensão sobre como os bebês se relacionam com o mundo e com

a cultura por meio da arte. Tal articulação corrobora para a compreensão da educação estética como primordial para formação.

Nas páginas finais, ao apresentar *Vento e Chuva* como corpo e narrativa, você amarra suas reflexões ao longo do texto, destacando como a literatura e o teatro para e com bebês são territórios de possíveis expansões de sentidos, de fomento à imaginação criadora. Como você aponta para esse suporte, em Winnicott, “para discutir a educação estética do bebê e defender a arte como possibilidade de transacionar a relação com a cultura”.

E é belíssimo você, está lá entre as páginas 145-146, expressa o caráter contínuo da pesquisa, não encerrante. Se fecha este ciclo, mas há a convocação para o percurso da “busca de compreender”, ou seja, essa busca não é encerrante e é muito corajoso e íntegro da sua parte explicitar isso.

Sobre sugestões: penso que seria interessantíssimo se tivéssemos a descrição das imagens que compõem o teu trabalho. Fico com vontade de te ouvir mais sobre as escolhas teóricas, também no que tange a não ir pelo viés de autorias mais do campo teatral. Fico com vontade de ouvir mais sobre o objeto transicional de Winnicott e as práticas teatrais. Fico me perguntando e convidando a olhar novamente para o uso das expressões para as infâncias e com as infâncias. Há pouquíssimas notas de rodapé e acho que quando surgem perde a força do teu texto. Fica o convite para trazê-las para dentro.

Teu trabalho é uma grande contribuição para a educação estética de bebês. Ele inspira e abre novos caminhos para investigações e práticas que reconhecem os bebês como sujeitos na e da formação artística e cultural. A sobrevoou algumas sugestões para

desdobramentos futuros: a) Mergulhar em análises descritivas do impacto da literatura e dos espetáculos na interação com bebês; b) Aprofundar a conexão entre o conceito de objeto transicional e as práticas teatrais, mostrando como essa relação se manifesta nas adaptações para o campo do teatro.

Carol, mãe, atriz, professora, escritora/pesquisadora, que felicidade te ler, estar junto. Parabéns pela pesquisa, pela coragem, pela sensibilidade inspiradora. Que a tese continue a ventar e chover! Que esse encontro, de Carolines (risos), possa também seguir! Choveremos e ventaremos!

Com carinho e admiração,

Caroline Vetori

10 de dezembro de 2014

**PARECER/DIÁLOGO**

De Kátia Kasper

Para Caroline Carvalho

Vento e Chuva: teatro e literatura na educação estética de bebês

Caroline Carvalho, orientação: Jean Gonçalves.

Inicialmente cumprimentar Caroline, Jean, as colegas da banca Sônia e Caroline. As pessoas aqui presentes.

Agradecer a Jean e Caroline pelo convite, pela possibilidade de acompanhar essa tese desde a sua qualificação. Dizer da alegria desse encontro com vocês, com a tese. Querido amigo, que respiro estar nessas bancas de suas orientações e encontrando ressonâncias com meus modos também, ainda que com outras alianças conceituais.

Como é bom poder ler textos acadêmicos que não se dobram aos seus modos convencionais. Que alegria e respiro. Tese envolvendo temática emergente nas pesquisas em educação: literatura para bebês, teatro para bebês, cinema para bebês. Às vezes com bebês... Amplo campo a se investigar. Gostaria de destacar a relevância e a originalidade da tese.

Tese alegre, viva, atrevida. Reverberou muito. Já comentei com orientandas acerca dessa autoficção, o modo como ganha consistência e coerência, trazendo autores como personagens, tudo isso. Bem escrita, cuja densidade vem em tom leve e provocativo. A concisão. A diagramação da tese, que permite espaços em branco em várias páginas. Respira. Pulsa de outro modo. Tese movida pelo desejo de criação e não pela vontade de verdade.

Plic-Plóc... Shhhhhhh... Trá-lá-lá...

Ventou por aqui “de leve dançando”, choveu por aqui (convidando Benjamin a dançar).

Caroline, que presente para mim que foi a leitura desse seu texto da autoficção. Além dos dois livros Vento e Chuva. Tão interessantes.

Você acolheu sugestões da qualificação e lidou de com elas de modo tão interessante. Assim me sinto contemplada no que sugeri e farei aqui alguns comentários acerca de ressonâncias e reverberações e marcas de uma leitura de sua tese. Às vezes trazendo fragmentos de seu próprio texto.

Já havia comentado na qualificação do espanto que foi encontrar nesse texto algo de como essa autora traz os primeiros tempos (na personagem mãe) com seus filhos gêmeos recém-nascidos. Esses tempos tão delicados, tempos que são muito mais aiônicos, intensivos, do que cronológicos. Nessa lógica das intensidades Caroline constrói essa narrativa, na fragilidade, na exposição, na força de construir relações. Como você me levou para lugares inesperados até iniciar a leitura.

Trá-lá-lá

Como você nos ensina gestos de leitura do outro, dos outros. Aproximação, contaminação, contágio, ressonância. Presença. Como vai se inventando mãe, com esses meninos, Benjamin e Bernardo. E ao mesmo tempo, os inventa também. Leitura que não se faz com os olhos apenas, mas com o corpo todo, corpo vibrátil, corpo intensivo. Aprende a estar viva e pulsante com eles. No sentido de atenta,

presente. Como uma mãe se coloca na tarefa de decifrar indícios de cada filho, cada bebê, para entender o que significa naquele momento específico um sinal, um gesto, um som, um murmúrio, um ruído.  
RELAÇÃO.

Me lembrei de minha própria experiência como mãe e olhando para Yuri, estando com Yuri, tocando-o, sentindo essa presença, também buscava entender o que cada movimento dele expressava, significava. Chorava de cólica? De outro incômodo? Se mexia mais rapidamente do que o costumeiro, ou mais lentamente do que ele mesmo costumava se mexer...

Plic-plic... Plic-plóc... Trá-lá-lá...

Habitar esse lugar de presença e atenção, de escuta... construção desse corpo atento, aberto para a alteridade. Fiquei pensando nisso, reverberou muito desse modo aqui. Principalmente nesse início da maternidade.

Corpos de pele muito fina. Bebês que precisavam lutar para se tornarem saudáveis. Experiência pós-parto de quem fez cesariana. Efeito da anestesia saindo de seu corpo.

Delicadezas e espanto: A primeira vez que Benjamin e Bernardo se encontram aqui fora, após nascerem, quando Benjamin tem alta da UTI e é colocado junto com Bernardo e este tem parada respiratória de emoção!!!

*Eu não disse isso e não pensei isso também.*

A relação como algo que acontece ENTRE parece-me que move, dá o tom dessa escrita. Educação como relação, sensível. Entre bebê e folha e vento e chuva e ,,,

*Eu não disse isso e não pensei isso também*

*Vento e Chuva* foram habitando meus dias, ocupando meu corpo, meus afetos, minha vida, minha casa. Que bom encontro. Jean, sempre me convidando para acompanhar trabalhos com escrita autoral, passando longe dos positivismos, das neutralidades, das objetividades que excluiriam a subjetividade na construção das pesquisas. Elaboração no trato com a linguagem, cuidado com a leitora ... Pesquisa que não reitera o já sabido, mas abandona o porto seguro e parte... Maravilhosa aventura de produção de conhecimento, de criação.

*Eu não disse isso e não pensei isso também.*

As maestrias de uma mãe que sabe fazer um pão de ontem ficar fresquinho, aquecendo-o no vapor. Os cuidados todos, os afetos todos.

E lá bem adiante (p. 104-105), Caroline escreve:

“(...) a presença do vento passou a ser sentida, ouvida, olhada. Eles nos olhavam, repetiam nossos sons, compreendiam nossos gestos, nós ventávamos juntos, e essa era a maior descoberta de nosso encontro, podíamos ser um só elemento.”

“Aquele vento nos levou a dançar, os tecidos nos levaram a ventar, os sons nos levaram a partilhar: uma dança, uma ventania, uma caminhada, uma levada...”

“(…) em um determinado momento os tecidos tomaram forma de brincar, e quando nos percebemos fomos levados por um constante: cadê... achou... cadê... achou... cadê... achou... e a confirmação de uma brincadeira que foi se instaurando em nossos corpos, nos nossos rostos, pois foi exatamente aí que os sorrisos, leves, começaram a nos convidar também para ventar. Ventamos em cadê, achou e sorrisos.”

“(…) um modo de fazer teatro”.

*Eu não disse isso e não pensei isso também.*

“Fui compreendendo que o professor Bakhtin buscava me explicar que o excedente da visão seria o que consigo ver do outro, e que é justamente também o que o outro consegue ver de mim, e que é possibilitado pela posição que cada sujeito ocupa no mundo, a partir de seu lugar social e cultural. Essa maneira de olhar se constituirá pela singularidade com que olho o outro e com que o outro me olha.” (p. 123)

Plic-plóc

Caroline constrói esse corpo político, afetado pelo outro, poético, estético, ético, que inventa essa escrita na leveza e precisão das palavras. Uma técnica é tão boa quando não se percebe o esforço de sua construção – ouvi certa vez acho que de Carlos Simioni, lá no Lume Teatro, da Unicamp. Sua escrita é uma qualidade preciosa desse texto. O tom da escrita. Pode parecer fácil, mas sabemos o quanto de

estudo, quantos deslocamentos foram necessários para cria-la. Essa autoficção que nos inspira. Que vai mostrando que formação não se separa da vida, que educação não se separa da vida, que tudo que vivemos nos educa, nos trans-forma. E Caroline traz essa leitura em seu texto. Nos ensina a sutileza do encontro, da percepção do outro, principalmente no que nos escreve em situações com seus filhos. Como conseguir ver a folha que se move? Quanta atenção e quantos deslocamentos foram necessários para perceber. A presença do vento que faz a folha dançar. Que lindeza essas folhas que atravessam o livro *Vento* e a tese (A autoficção). E que lindeza essas gotas de chuva que também atravessam o livro *Chuva* e a tese. E atravessaram essa leitora.

Plic-plic ... Plic-plóc... Vvuuuu... Shhhh... Trá-lá-lá...

Me lembrei de Bruno Latour, quando afirma que uma pesquisa é tão mais valiosa quanto mais produz diferença, nos ensina a perceber variações no mundo.

Trá-lá-lá

Presença poética da relação dos bebês com o mundo, especificamente Benjamin e Bernardo, seus filhos. Filhos que a ensinaram a voar, afirma. E presença poética da relação de Caroline com os bebês, com a literatura, com o teatro, com o mundo. Criando literatura e teatro para/com bebês.

Sabe, Caroline e Jean, eu ando um tanto envolvida com a leitura do antropólogo Tim Ingold ao pensar educação como atenção. E o que pode advir daí. Já há algum tempo, no caminhar como deslocamento do corpo e do pensamento e criação de presença e atenção. Então, lendo esse seu texto, aos meus olhos, com meu corpo

aberto e atento a essas questões, sinto nele um aprendizado grande de criar atenção e presença. Atenta, Caroline nos ensina sobre atenção, a si, aos outros, ao mundo. Excedente de visão?

Como Caroline se inventa, em autoficção, ao mesmo tempo que inventa uma tese. Nos ensina acerca da educação estética de bebês, da sua potência. Pesquisa envolvida com a expansão da vida. Academia viva. Tese viva.

*Eu não disse isso e não pensei isso também.*

Parabéns, Caroline. Parabéns, Jean.

Kátia Kasper, 10 de dezembro de 2024

**REFERÊNCIAS**

- ALESSI, Viviane Maria. **Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês**. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teorias do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BRAIT, Beth; GONÇALVES, Jean Carlos (org.). **Bakhtin e as artes do corpo**. São Paulo: Hucitec, 2021.
- DURAS, Marguerite. **Escrever**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- FAEDRICH, Anna. **Teorias da autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.
- GONÇALVES, Jean Carlos. **O que (não) é autoficção?: corpos que escrevem na pesquisa em educação, linguagem e teatralidades**. Urdimento–Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 4, n. 53, dez. 2024.
- MCCAW, Dick. **Bakhtin e o Teatro: diálogos com Stanislavski, Meyerhold e Grotowski**. São Paulo: Hucitec, 2024.
- NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

- VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas.** São Paulo: Editora 34, 2019.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2018.
- WINNICOTT, Donald W. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- WINNICOTT, Donald W. **Bebês e suas mães.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- WINNICOTT, Donald W. **O brinca e a realidade.** São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: A “literatura” medieval.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993

